

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

De Westeros para a Escola:

A Idade Média e a recepção de As Crônicas de Gelo e Fogo e Game of Thrones por alunos de ensino médio

Arthur Maia Baby Gomes

Porto Alegre
2017

Arthur Maia Baby Gomes

De Westeros para a Escola:

A Idade Média e a recepção de As Crônicas de Gelo e Fogo e Game of Thrones por alunos de ensino médio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi

Porto Alegre
2017

AGRADECIMENTOS

Há tempos que não tenho quaisquer dúvidas de que tomei a decisão correta ao escolher o curso de história. Esta certeza só se acentuou conforme passei mais tempo em sala de aula, enquanto aluno ou professor. Por isso, agradeço às pessoas que me fizeram ver a sala de aula como o lugar onde me encontro enquanto pessoa e profissional. A todos os alunos que passaram por mim, no pré-vestibular Quero Quero, nas escolas Japão, Dom João Becker e Irmão Pedro. Ao meu colega de docência, com quem compartilhei meu aprendizado integralmente e enfrentei situações das mais inusitadas, integrantes do exercício da docência, Carlos Eduardo Barzotto.

Também aos professores da graduação que serviram como incentivo e exemplo, que por vezes erram como eu sei que também erro, mas sempre se mostraram abertos e preocupados com sua prática docente, Caroline Silveira Bauer, Fernando Seffner, Arthur Lima de Ávila, Mara Cristina de Mattos Rodrigues, Natália Pietra, Adriana Dias, José Rivair e Igor Salomão Teixeira. Não apenas por estes motivos, mas também por ter aceitado meu convite de orientação neste trabalho, a Fernando Felizardo Nicolazzi. A meus professores da escola, com quem aprendi o amor pela profissão e a vontade pelo conhecimento, Carmem Lúcia Machado, Soraya Franke, Alexandre Ayub e Celso Brum.

Para além do gosto pelo que faço, há também que agradecer a quem me ensinou a acreditar que posso fazer bem o que quer que seja. Especialmente, presto homenagem à memória de minha mãe, Catilene Maia, que me provou o que é fazer de tudo por aquilo que amamos, e que me ensinou a ler, despertando a paixão pela literatura, coisa que nunca abandonei. Agradeço também ao meu pai, Alexandre Baby, que antes de mim, lutou pelas suas paixões, e por isso, sempre apoiou as minhas. A Ana Raquel Kemmerer e Alexsandro Godoi, que me ensinaram que família é mais do que o vínculo sanguíneo.

Por fim, desde que aprendi a ler, nunca encontrei nada tão inspirador, mobilizador e apaixonante como o que li de George R. R. Martin. Não é um agradecimento por algo que foi feito por mim, como todos os outros desta lista, mas um agradecimento pela prova de que a ficção muda vidas.

“Tantos votos... Obrigam-nos a jurar e voltar a jurar. Defender o rei. Obedecer ao rei. Guardar seus segredos. Fazer o que ele nos pedir. Nossa vida pela dele. Além de obedecer ao nosso pai. Amar nossa irmã. Proteger os inocentes. Defender os fracos. Respeitar os deuses. Obedecer às leis. É demais. Faça o que fizer, é preciso pôr de lado um voto ou outro.”

(George R. R. Martin)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as relações estabelecidas por alunos de terceiro ano do ensino médio de três escolas na cidade de Porto Alegre entre suas concepções de idade média e sua apropriação da obra literária *As Crônicas de Gelo e Fogo* e/ou sua adaptação televisiva, *Game of Thrones*. Para perceber estas relações, foram escolhidos três eixos: o heroísmo, a guerra e a condição feminina, para serem pensados, tanto para as visões destes alunos sobre idade média como para as obras em questão. Para isto, foram aplicados questionários coletando visões sobre estes temas, que serão analisados à luz de reflexões sobre reflexões sobre as obras ficcionais e a historiografia sobre média.

Palavras chave: Idade Média; Literatura; *As Crônicas de Gelo e Fogo*; *Game of Thrones*; História Escolar.

ABSTRACT

This paper aims to comprehend the relations established by students in the last year of high school in three schools in the city of Porto Alegre between their concepts of the Middle Ages and their appropriation of the literary work, A Song of Ice and Fire and/or its audio-visual adaptation for TV, Game of Thrones. To apprehend these relations, three main topics were chosen: heroism, war and female condition, to be thought of, not only for the student's views on the Middle Ages, but also on the works in question. For that, questionnaires were applied collecting visions from both those issues, which will be analyzed under reflections about both the fictional works and the historiography on the Middle Ages.

Key words: Middle Ages; Literature; A Song of Ice and Fire; Game of Thrones; School History.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
1.1. Apresentação das Crônicas de Gelo e Fogo e Game of Thrones.....	09
1.2. Apresentação das Escolas.....	12
2. Aportes Teóricos.....	17
2.1. Referenciais Teóricos e Revisão Bibliográfica.....	20
3. Metodologia.....	26
3.1. Resultados Gerais dos Questionários.....	26
3.2. Resultados dos Questionários Sobre Idade Média.....	27
3.3. Resultados dos Questionários Sobre “As Crônicas de Gelo e Fogo.....	31
4. A Temática do Heroísmo.....	35
4.1. O Problema na Saga e na Série de TV.....	35
4.2. Como Aparece nos Questionários?.....	39
5. A Temática da Guerra.....	41
5.1. O Problema na Saga e na Série de TV.....	41
5.2. Como Aparece nos Questionários?.....	44
6. A Condição Feminina.....	45
5.1. O Problema na Saga e na Série de TV.....	45
5.2. Como Aparece nos Questionários?.....	49
7. Conclusão.....	52
8. Bibliografia.....	53
9. Anexos.....	55

Introdução

Com seu primeiro volume lançado em 1996, As Crônicas de Gelo e Fogo, de George R. R. Martin são hoje um dos grandes sucessos da literatura mundial. Sendo adaptadas para a televisão na série Game of Thrones desde 2011, e ainda com mais dois volumes previstos para o futuro (além de outros materiais complementares do mesmo universo ficcional), é perceptível o crescimento da popularização da saga, principalmente entre o público jovem. O site Publish News publicou recente pesquisa onde uma coleção com os cinco volumes já publicados da saga aparecem como em décimo primeiro lugar dentre os livros mais vendidos do Brasil na categoria ficção em grandes livrarias no ano corrente de 2017¹, e embora de metodologia simplista e sujeita a erros, é notável que boa parte das livrarias tenha indicado a saga como um de seus itens mais vendidos.

Este trabalho pretende identificar, a partir de pesquisa empírica e também de análises de cunho teórico, se a leitura de “As Crônicas de Gelo e Fogo” ou o contato com a série de televisão Game of Thrones contribuem para diferentes noções de idade média em alunos do ensino médio. Pergunto-me em qual medida isto ocorre e os efeitos diferenciados nos dois casos, a partir de temáticas como função social da guerra, relações de gênero e trajetórias heroicas, refletindo como estudantes de ensino médio consolidam suas ideias de idade média no Brasil, entre ensino escolar, jogos de memória, consumos culturais, entre outros, e as relações entre história e ficção.

Com o intuito de melhor observar as concepções que tencionam a idade média estudada de maneira institucionalizada e as noções que as obras de ficção selecionadas propõem aos estudantes, optei pela delimitação em três problemas, que refletem o problema maior já explicitado:

- a. Em que medida a noção de guerra medieval é mais ou menos interessante entre alunos em contato com a obra? Como os alunos percebem a guerra?
- b. Qual a percepção sobre o heroísmo dentro da obra? Que valores isto transmite? Estes valores tem relação com a concepção de idade média dos alunos?
- c. Qual a diferença na percepção de alunos que conhecem e não conhecem a obra sobre os papéis de gênero, possibilidades de governos femininos, agência das mulheres, aceitação cultural da violência sexual na idade média?

Se este trabalho está em desenvolvimento, é porque que o considero legítimo e acredito que sua execução deve apresentar resultados significativos, não apenas para a academia, mas também para a sociedade como um todo. Entendo três como as principais contribuições que podem surgir desta pesquisa: uma para as discussões sobre literatura fantástica no Brasil, uma para o conhecimento histórico, mais especificamente à linha de estudos em ensino de história, e uma para a comunidade consumidora das Crônicas de Gelo e Fogo.

Porém, antes de deter-me em cada uma delas, sinto necessário expressar minha relação pessoal com o tema. Durante toda minha graduação, nunca abandonei a perspectiva de ser um licenciando. Perguntei-me, durante os quatro anos de curso, por que a história é um

¹ Disponível em <<http://www.publishnews.com.br/ranking/anual/9/2017/0/0>>. Acesso em 23/07/2017.

componente escolar obrigatório, o que há nela que todos devem aprender. Cheguei a algumas respostas que me parecem bastante satisfatórias, sendo uma delas, possibilitar o desenvolvimento argumentativo, analítico e crítico dos alunos. E para tanto, acredito que a história deve trabalhar com conceitos. Compreender realidades diferentes, estruturas culturais, econômicas, relações de poder, dominação e resistência.

Acontece que isso não é privilégio da ciência histórica. A arte também nos faz pensar e refletir sobre o diferente, e quando a arte está aliada a conceitos históricos, parece-me uma oportunidade única de desenvolver relações bastante frutíferas para a formação, principalmente quando estamos falando de cultura pop e de elementos que estão presentes na vida dos jovens, não apenas como deveres escolares, mas também como prazer, papel que as Crônicas de Gelo e Fogo ocupam majoritariamente também na minha vida. Tenho contato com os livros desde 2013, e participo de grupos e páginas de discussão na internet desde 2015. Sou um leitor recorrente da obra de George R. R. Martin e um fã do universo que o escritor criou.

As Crônicas de Gelo e Fogo trouxeram novos paradigmas e questionamentos ao gênero fantástico, dialogando diretamente com tradições de escrita sobre uma idade média imaginada. George Martin questiona os valores de heroísmo, a ausência de personagens femininas como ativas na sociedade em que vivem, a glamorização da violência e das guerras e o papel da religião em sociedades feudais. Dessa maneira, me parece que uma das contribuições da escrita deste trabalho é buscar um maior espaço de reconhecimento e inserção desta obra no debate acadêmico e literário. É preciso vê-la além do entretenimento, como fazemos com os ditos clássicos.

Para o conhecimento histórico e estudos em ensino de história, vale a percepção, que busco mostrar, de como a literatura e outras formas de apreensão da história estão relacionadas com o conhecimento escolar, muitas vezes, tendo mais sucesso na consolidação de conceitos históricos do que o ensino tradicional, e sobre isso, discorro com mais detalhes em outros momentos deste trabalho.

Por fim, o público consumidor da obra é, por vezes, bastante dedicado. A internet possui uma infinidade de discussões, teorias e interpretações, porém, o segmento brasileiro ainda fica bastante defasado, seja porque traduzimos poucas das discussões principais, seja por que nossos veículos de comunicação e notícia não prestam o devido serviço e acabam propagando a desinformação. Meu último intuito é proporcionar aos leitores brasileiros uma grande oportunidade de debater algo inédito sobre a obra escrito e pensado a partir da realidade que vivemos. As Crônicas de Gelo e Fogo merecem, defendo, maior espaço institucional e também informal, merecem ter seus questionamentos, mensagens e pequenas revoluções à fantasia melhor estudados.

Apresentação de As Crônicas de Gelo e Fogo e Game of Thrones:

O primeiro volume da saga de George Martin começou a ser escrito em 1991, mas só foi efetivamente publicado em 1996, sob o nome de “A Game of Thrones”. O que a princípio seria uma trilogia, logo se tornou uma saga de cinco livros, e hoje, espera-se que esteja completa com o futuro lançamento do sétimo volume. Até então, foram lançados “A Game of

Thrones” (1996), “A Clash of Kings” (1998), “A Storm of Swords” (2000), “A Feast for Crows” (2005), “A Dance with Dragons” (2011)², além de três contos compilados no livro “The Knight of the Seven Kingdoms” (2015), nos quais acompanhamos o cavaleiro andante Dunk, noventa anos antes da ação da saga principal, os contos “The Rogue Prince”³, “The Princess and the Queen”⁴ e “The Sons of the Dragon”⁵ e o livro “The World of Ice and Fire” (2014), sendo estes últimos, produções de relatos historiográficos ficcionais.

Em A Game of Thrones, o leitor é apresentado especialmente à família Stark, senhores do Norte de um reino fictício chamado “Os Sete Reinos”, no continente de Westeros. Quando o rei Robert Baratheon vai ao Norte, visitar seu antigo amigo Eddard Stark, este também leva um convite: o de servir como seu principal conselheiro no cargo de Mão do Rei, pois o antigo ocupante do posto estava morto. Eddard acaba aceitando o pedido de seu amigo e viaja para Porto Real, acompanhado de suas duas filhas, Sansa e Arya. Sua esposa Catelyn fica para trás para tomar conta de Winterfell, sede da família, e cuidar de seu filho Bran, um menino que costumava escalar as muralhas do castelo e misteriosamente caiu. Em Porto Real, Eddard descobre um segredo guardado pela rainha Cersei Lannister: seus filhos não são filhos de seu marido Robert, mas sim dela com seu irmão gêmeo, o Guarda Real Jaime Lannister.

Conhecemos também o filho bastardo de Eddard, Jon Snow, e acompanhamos sua jornada em direção à Muralha, para servir como um homem da Patrulha da Noite, uma ordem de guerreiros juramentados à proteção do reino contra os “selvagens”, pessoas que vivem além da referida Muralha e possuem diversas formas de organização, embora, historicamente, a construção servisse para manter afastados os Outros, criaturas misteriosas que a milhares de anos tentaram conquistar o reino e foram derrotadas.

Jon é acompanhado por Tyrion Lannister, irmão da rainha Cersei e do Guarda Real Jaime. Tyrion causa espanto naqueles ao seu redor, pois é anão, e durante toda a vida teve que lidar com o desprezo daqueles à sua volta, especialmente de seu pai, o senhor mais rico do reino, Tywin Lannister. Depois de conhecer a Muralha, Tyrion volta para o Sul e é sequestrado por Catelyn, acusado de mandar um assassino para impedir que Bran acordasse, o que dá início à guerra entre as casas Stark e Lannister.

Do outro lado do Mar Estreito, no continente a leste de Westeros, Daenerys Targaryen é prometida por seu irmão em casamento para o líder de uma tribo Dothraki, uma população nômade cuja subsistência é baseada no saque e na venda de escravizados. Daenerys é uma princesa de Westeros exilada depois da bem sucedida rebelião do atual rei Robert, que destronou seu pai e assassinou seu irmão mais velho, Rhaegarho. Daenerys e seu novo marido, Khal Drogo, dão início a uma marcha para cumprir os últimos ritos matrimoniais na cidade ritual dos Dothraki, enquanto a menina desenvolve estranhas conexões com ovos petrificados de dragões que recebeu de presente durante o casamento.

Ao final deste livro, Jon Snow entrou em contato com criaturas sobrenaturais, os cadáveres reanimados de antigos companheiros da Patrulha, Daenerys perdeu seu irmão, o

² Publicados pela editora Leya no Brasil como “A Guerra dos Tronos”, “A Fúria dos Reis”, “A Tormenta de Espadas”, “O Festim dos Corvos” e “A Dança dos Dragões”, respectivamente.

³ Publicado originalmente na antologia “Rogues”, editada por George Martin e Gardner Dozois em 2014.

⁴ Publicada originalmente na antologia “Dangerous Women”, editada por George Martin e Gardner Dozois em 2013.

⁵ Publicado originalmente na antologia “The Book of Swords”, editada por Gardner Dozois em 2017.

marido e o filho ainda não nascido, mas deu vida a seus ovos de dragão, que eram criaturas consideradas extintas há mais de um século, e está determinada a retomar o trono que foi de seu pai, e Eddard Stark foi executado por traição após a morte de Robert, que foi sucedido por seu filho Joffrey. Eddard tentaria coroar o irmão do meio do falecido rei, Stannis Baratheon, que irá proclamar-se rei no início do segundo volume. A filha mais velha de Eddard torna-se refém da família real e a mais nova foge na tentativa de voltar para Winterfell, mas acaba protagonizando uma longa marcha por locais devastados pela guerra.

Ainda, Robb Stark, o filho mais velho e herdeiro de Eddard, pôs o norte em rebelião contra o Trono para resgatar o pai, e após a morte deste, é coroado por seus vassalos como um insurgente Rei do Norte. O irmão mais novo de Robert, Renly, aproveitando o vácuo de poder, também fez sua reivindicação ao trono de Robert, e ganha apoio substancial de famílias poderosas do reino. Logo no início do segundo volume também, mais um independentista se levantará: Balon Grejoy, senhor das Ilhas de Ferro e líder de uma rebelião fracassada nove anos antes.

Este é o cenário que irá guiar os livros seguintes, a Guerra dos Cinco Reis (Joffrey Baratheon⁶, Stannis Baratheon, Renly Baratheon e os independentistas Robb Stark⁷ e Balon Greyjoy⁸). Paralelamente a isso, Jon Snow defende a Muralha de uma grande invasão de selvagens – com apoio do rei Stannis - e se torna comandante da Patrulha da Noite, e Daenerys Targaryen luta contra o tráfico de escravos e assume o posto de rainha em Meereen, uma cidade que até então, tinha na compra e venda de seres humanos sua principal atividade econômica.

A saga ainda possui mais dois volumes planejados, “The Winds of Winter” e “A Dream of Spring”, que darão sequência a história destes e de outros personagens que surgiram no decorrer dos livros já publicados, e há também o livro *Fire and Blood*, cujo primeiro volume está previsto para o final de 2018, que dará conta, nos moldes de relatos historiográficos, da história da Dinastia Targaryen.

Em termos de estrutura narrativa, Martin adota o narrador em terceira pessoa, porém, inserido na visão de determinados personagens, que são os títulos da maioria dos capítulos.⁹ Os personagens que emprestam suas visões aos capítulos foram, até o momento, trinta e um (sendo que dezenove ainda estão vivos e ativos no enredo) e são tradicionalmente chamados dentro da comunidade leitora de personagens “POVs” (aqueles que possuem “point of view”, ponto de vista). Isto é significativo, pois também repercute na parcialização da informação dentro da obra. Dentro de determinados capítulos, o leitor conta apenas com a perspectiva parcial do personagem ali desenvolvido.

A saga, como mais adiante discutiremos com mais cautela, costuma ser enquadrada como “alta fantasia”, um gênero caracterizado pela criação de um universo totalmente à parte

⁶ Sucedido por seu irmão, Tommen, após ser envenenado em seu próprio casamento em *A Storm of Swords*.

⁷ Fracassado após ser assassinado, junto com sua mãe e a maior parte de suas tropas no casamento de seu tio Edmure Tully com Roslin Frey, filha de um vassalo traidor, Walder Frey, em *A Storm of Swords*.

⁸ Assassinado em circunstâncias misteriosas por seu irmão Euron Greyjoy, que assume o posto do irmão, porém, deixando de lado o caráter independentista do movimento e almejando sua própria reivindicação ao trono.

⁹ A partir de *A Feast for Crows*, alguns capítulos passam a ter títulos que são apelidos ou outras maneiras a se referir aos personagens, porém, isso não altera a estrutura narrativa.

do mundo real e permeado por elementos mágicos. No entanto, dentro do próprio gênero fantástico, Martin assumiu um lugar de destaque pela desconstrução de padrões clássicos, que rementem, usualmente, ao trabalho de J. R. R. Tolkien. Jogando com a expectativa do leitor, o aparente protagonista da saga, Eddard Stark, é assassinado no final do primeiro volume, e seu sacrifício não garante nenhum tipo de salvação para aqueles que amava ou para a humanidade em geral: as ações supostamente heroicas de Eddard acabam sendo causadoras de uma guerra que tem como consequências a tortura de sua filha, morte de seu herdeiro e de sua esposa e a devastação de sua terra natal. Eddard nunca é vingado, pois seu assassino (o rei que ordenou sua morte) é morto em circunstâncias que não remetem a esta situação.

Outra marca que rompe com os paradigmas da fantasia é a noção de “personagens cinzas”. O próprio autor já se manifestou sobre esta tendência:

Sou atraído por personagens “cinzas”, personagens que não são o que parecem, personagens que mudam. Eu acho que essa é a parte mais interessante da ficção, e muito da fantasia não tem isso. Muitos personagens são preto e branco, todo mundo está lutando contra um Senhor das Trevas. Eu apenas não estava interessado nesse tipo de coisa. Ter muitos pontos de vista é crucial para os tons de cinza dos personagens. Você precisa conseguir ver o conflito pelos dois lados, porque seres humanos em uma guerra tem todos esses processos de auto justificativa, dizendo para si mesmos porque estão fazendo a coisa certa. Ninguém, exceto em um desenho animado, diz “Eu sou o Senhor das Trevas e agora vou fazer coisas do mau.”. Nós somos os senhores do cinza! E, claro, você pode ver isso nos conflitos do mundo real durante a história. George Bush acha que tem razão, Osama Bin Laden acha que tem razão, e ambos pensam que o outro lado é o vilão. Então, você precisa de uma multiplicidade de pontos de vista para apresentar qualquer conflito que vai ser mais do que o de um desenho animado¹⁰.

Esta maneira de entender o mundo ficcional é marcante em “As Crônicas de Gelo e Fogo”, personagens que parecem vilões a princípio, como Jaime Lannister e Theon Greyjoy, se tornam personagens com ponto de vista no decorrer da obra e demonstram sua própria visão de mundo, conquistando a simpatia dos leitores. Mesmo quando a Guerra dos Cinco Reis estoura, é difícil para o leitor encontrar um lado essencialmente certo, e também inexistente uma concentração específica de personagens “maus” em um mesmo lado.

A denúncia da guerra se mostra uma constante dentro da obra, como também diz o autor em entrevista recente:

¹⁰ George R.R. Martin: The Gray Lords. Locus Magazine, Oakland, v. I, November, 2005.

Citação no original: I'm attracted to 'gray' characters, characters who are not what they seem, characters who change. I think that's the most interesting part of fiction, and a lot of fantasy doesn't have that. Too many characters are black and white, and everybody's fighting a Dark Lord. I just wasn't interested in writing that kind of thing. Having multiple viewpoints is crucial to the grayness of the characters. You have to be able to see the struggle from both sides because real human beings in a war have all these processes of self-justification, telling ourselves why what we're doing is the right thing. Nobody except in a cartoon says, 'I'm the Dark Lord, and now I'm going out to do Evil Things.' We are the Gray Lords! And of course you see that in real-world struggles throughout history. George Bush thinks he's right, Osama bin Laden thinks he's right, and they each think the other side is the bad guy. So you need a multiplicity of viewpoints to present any conflict that's going to be more than a cartoon one.

Os livros são minha absoluta versão da história, e eu apresento aquilo que quero, incluindo sexo e violência. Isso é essencialmente uma história de guerra, assim como muitas fantasias, incluindo Tolkien. A Guerra do Anel! Se você está escrevendo uma história de guerra, eu acho que você tem que ser honesto sobre a natureza da guerra, e guerra é certamente um tema poderoso que remonta a toda a história da literatura. Nós dificilmente achamos algo anterior à Ilíada, e o que é a Ilíada se não uma história sobre a Guerra de Tróia? Você tem Tolstói escrevendo sobre “Guerra e Paz”. Guerra é a grande desgraça da humanidade, mas tem estado conosco desde o início, e não tenho certeza, mas às vezes acho que estará conosco até o fim. É certamente um assunto poderoso para tratar na ficção, sendo fantasia ou ficção realista¹¹.

O tom de denúncia ainda será mais explicitado em capítulo específico para isso, mas é notável a violência, física e psicológica a qual uma série de personagens nobres são submetidos por conta da guerra, como Sansa, Theon e Catelyn, mas também a perspectiva popular, que, alheia aos motivos dinásticos, acaba sendo a principal vítima dos problemas internos dos senhores.

A problematização da vingança é também elemento central da obra. Após ser morta no “Casamento Vermelho”, Catelyn Stark é revivida por um grupo de foras da lei chamado de “Irmandade sem Estandartes”. Desde este momento, Catelyn, ou Senhora Coração de Pedra, como é agora conhecida, dedica-se a perseguir toda e qualquer pessoa que entenda ter estado relacionada com a morte de seu filho, especialmente os membros da família Frey, cujo patriarca, Walder Frey, foi um dos principais arquitetos da traição sofrida por Robb.

No entanto, a maneira que a Senhora Coração de Pedra é apresentada, leva o leitor à reflexão sobre o real sentido da vingança. Catelyn persegue e enforca pessoas por serem descendentes de um homem e terem cumprido suas ordens. Sua primeira aparição é em um capítulo do ponto de vista de Merrett Frey, um filho de Walder que não tomou qualquer decisão pela traição, mas também estava distante de qualquer possibilidade de enfrentar o pai. Ao final de “O Festim dos Corvos”, Catelyn ordena o enforcamento de sua espada juramentada, Brienne, pois esta ganhou uma espada de Jaime Lannister e se recusou a trazer o amigo para a morte.

No ano de 2011, estreou pela rede de televisão HBO, uma adaptação audiovisual das Crônicas de Gelo e Fogo, que se tornaria, nos seis anos seguintes, um produto cultural de grande sucesso comercial e recordista da premiação Emmy, com 38 prêmios.¹² Nomeada de Game of Thrones, a série ficou a cargo de David Benioff e D. B. Weiss, tendo George R. R.

¹¹ ‘Fantasy needs magic’ An interview with George R. R. Martin. Meduza. August, 2017. Disponível em: <<https://meduza.io/en/feature/2017/08/22/fantasy-needs-magic>>. Acesso em 07/12/17.

Citação no original: The books are my absolute vision of the story, and I present what I want to, including the sexuality and violence. This is essentially a war story, as are many fantasies, including Tolkien. The War of the Ring! And if you’re doing a war story, I think you have to be honest about the nature of war, and war is certainly a powerful theme that goes all the way back through the history of literature. We hardly have anything that predates the Iliad, and what is the Iliad but an account of the Trojan War? You have Tolstoy writing about War and Peace. War is the great bane of mankind, but it’s been with us since the beginning, and I don’t know but sometimes I despair that it will be with us to the end. It’s certainly a powerful thing to treat in fiction, whether it’s fantasy fiction or realistic fiction.

¹² Game of Thrones". Emmys.com. Disponível em: <http://www.emmys.com/shows/game-thrones>. Acesso em 07/12/17.

Martin como produtor-consultor e também roteirista de um episódio por temporada até 2014. Atualmente, o programa conta com sete temporadas, totalizando 67 episódios e seu encerramento está previsto para uma oitava temporada a ser exibida em 2019.

É importante ressaltar o afastamento de George R. R. Martin da produção pois este foi também um ponto de virada nas próprias noções sobre vários assuntos que eram refletidas na série. Quando a quinta temporada estreou, no ano de 2015, houve um contundente afastamento do material original, não apenas com grandes arcos sendo cortados (e personagens com ponto de vista não sendo incluídos na adaptação, como a princesa Arianne Martell e o comandante marítimo Victarion Greyjoy), como os enredos de diversos personagens principais foram drasticamente alterados.

Sansa Stark volta para Winterfell, sede de sua família, e casa com Ramsay Bolton, filho de Roose Bolton, atual protetor do Norte e leal a Tommen Baratheon. Originalmente, este arco pertencia a Jeyne Poole, uma amiga de Sansa que se passava por sua irmã Arya, garantindo, assim, a legitimidade dos Bolton sobre Winterfell. O guarda de Daenerys, Barristan Selmy é morto nas ruas de Meereen pouco antes do momento onde, nos livros de Martin, se tornaria protetor da cidade na ausência de sua rainha. Quem assume este papel na série de TV é o popular Tyrion Lannister.

Para além das meras alterações de enredo, as desconstruções à fantasia que há pouco discutimos, como a desconstrução do heroísmo, a crítica à guerra e os personagens cinzas são rapidamente retirados de cena, em prol do estabelecimento de uma fantasia clássica. Exemplos disso são a superproteção que personagens como Jon Snow e Daenerys Targaryen recebem, entrando em enredos que resumem uma jornada de herói tradicional, e a eliminação dos personagens polêmicos, ou sua vilanização completa, como foi o caso de Stannis Baratheon, que estava prestes a libertar Winterfell do domínio dos Bolton, mas foi morto após sacrificar a própria filha, dando lugar a uma batalha conhecida como A Batalha dos Bastardos, onde um revivido Jon Snow deixa seus deveres na Patrulha da Noite e reúne exércitos improváveis para derrotar Ramsay Bolton, com sucesso.

Quando a problematização da guerra e da vingança é abandonada, estas duas tornam-se entretenimento, passível de comemoração e praticamente isentos de consequências.¹³ Diferente da versão literária, o “Casamento Vermelho” é vingado por Arya Stark, agora uma assassina treinada¹⁴. Após promover um banquete falso, simulando a forma física de Walder Frey, a quem já tinha matado, Arya protagoniza um dos momentos mais aclamados da sétima temporada pelos espectadores e assassina todos os membros da família que estiveram envolvidos na traição de seu irmão. Este é também o encerramento do assunto, após este incidente, Arya continua sua marcha para Winterfell para reencontrar sua família.

Daenerys Targaryen abandona Meereen após uma batalha que causou extrema destruição da cidade, mas isto não é digno de menção ou não causa qualquer tipo de problema, pois esta deixa a cidade aos cuidados de seu amante, o mercenário Daario Naharis, o que também encerra o arco de Daenerys como governante na Baía dos Escravos. Cersei Lannister explode o principal templo religioso de Porto Real, assassina todos os grandes senhores que ainda lhe

¹³ Inúmeras hipóteses podem ser apontadas para esta mudança de concepção, desde necessidades puramente comerciais, até concepções artísticas diferentes entre George R. R. Martin e David Benioff e D. B. Weiss.

¹⁴ Catelyn encerra sua participação na série quando é morta no referido evento, nunca voltando à vida.

apoiavam (o que causa a morte de seu filho, o Rei Tommen, que comete suicídio ao ver a explosão), e torna-se rainha, ignorando qualquer linha de sucessão, enquanto este fato não é contestado por qualquer um dos herdeiros dos senhores assassinados.

É notável a falta de encadeamento dos fatos e de seguimento, tanto de proposta como de enredo, do que foi apresentado nas temporadas iniciais da série televisiva, porém, também é importante notar que a audiência e as premiações da série continuam em ascensão, tendo a sétima temporada, uma média de 10,26 milhões de espectadores apenas nas noites de estreia nos Estados Unidos¹⁵.

Apresentação das Escolas:

É necessário refletir sobre escolha do público deste trabalho. A decisão por trabalhar com o impacto destas produções culturais em alunos de educação básica foi motivada especialmente pelo meu interesse em trabalhar, ainda que indiretamente, neste primeiro momento, com educação e ensino de história. Após poder traçar como se trata a recepção da história e do entretenimento para os alunos aqui selecionados, será possível a expansão para um estudo que se centre nos dispositivos de medievalidade presentes nos livros didáticos, assim como o planejamento e execução das aulas sobre Idade Média, possibilitando uma visão mais completa sobre o tema.

A escolha das escolas participantes deste trabalho se deu com o objetivo de tentar compor um grupo diverso de estudantes em sentido socioeconômico. Há que se levar também em conta a dificuldade da colaboração de uma série de escolas privadas, o que resultou na participação de três escolas que cederam um período de cinquenta minutos (dois no caso da escola Japão) para aplicação dos questionários. A intenção original eram quatro escolas, uma privada maior e mais tradicional, uma privada com características de escola de bairro (que ficou de fora), uma pública de região central e uma pública de bairro.

O Colégio Anchieta é um colégio privado, fundado em 1890, localizado em uma área nobre da cidade de Porto Alegre, sendo uma das mais tradicionais e renomadas escolas da cidade, há muito associada à elite local. Atualmente, conta com cerca de 3.000 alunos, e foi escolhida na premiação Top of Mind, que visa identificar quais as marcas mais lembradas na cidade de Porto Alegre, como escola mais lembrada no ano de 2017¹⁶.

A amostra de alunos consistiu em uma turma de terceiro ano do ensino médio com trinta e cinco alunos (três ausentes na data), a turma 306. Ao todo, durante o ano de 2017, a escola contou com sete turmas de terceiro ano, com cerca de trinta alunos. O questionário foi aplicado em um período de cinquenta minutos.

Fundada em 1962, apenas como escola técnica, a atual Escola Técnica Estadual Irmão Pedro oferece, além dos cursos técnicos, também ensino médio completo, no qual, em 2016,

¹⁵ Game of Thrones: Season Seven Ratings. TV Series Finale, August, 2017. <https://tvseriesfinale.com/tv-show/game-of-thrones-season-seven-ratings/>. Acesso em 07/12/17.

¹⁶ Informações de acordo com o site da escola. Disponível em <<http://www.colegioanchieta.g12.br/>>. Acesso em 27 de Dezembro de 2017.

tinha 489 alunos matriculados¹⁷. A escola conta com o subprojeto História do PIBID UFRGS, o que possibilita diálogos entre as turmas da educação básica e docentes em formação na universidade. Localiza-se no bairro Floresta, uma das principais vias de saída do centro de Porto Alegre em direção às zonas Norte e Leste.

Esta amostra consistiu em uma turma de cerca de vinte alunos, dos quais apenas treze estavam presentes. Ao todo, a escola possuiu em 2017, cinco turmas de terceiro ano, com média de 25 alunos em cada. O questionário foi aplicado em um período de cinquenta minutos.

Por fim, o Colégio Japão se localiza no bairro Jardim Itú Sabará, próximo à Vila Jardim, uma região periférica da cidade de Porto Alegre. A escola contava, em 2016, com 832 matrículas¹⁸. A amostra selecionada contou com vinte e um alunos no total, de duas turmas do terceiro ano do ensino médio. No ano de 2017, o colégio manteve quatro turmas desta série.

¹⁷ Dados disponíveis em: <<http://www.qedu.org.br/escola/229688-ete-irmao-pedro/sobre>>. Acesso em 27 de Dezembro de 2017.

¹⁸ Dados disponíveis em: <http://www.qedu.org.br/escola/255337-colegio-estadual-japao/censo-escolar?year=2016&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=>>. Acesso em 27 de Dezembro de 2017.

Aportes Teóricos

Para falar de teoria e dos referenciais a partir dos quais penso os temas a serem desenvolvidos, em primeiro lugar, é importante situar este trabalho. Não procuro aqui, discutir um conceito ideal para “Idade Média”, ou “feudalismo”, de maneiras gerais, tampouco é minha intenção pensar os limites acadêmicos de tais termos. Este é um trabalho sobre literatura e recepção histórica, mais especificamente, sobre a recepção de certas noções de Idade Média para um público específico. A reflexão fundamental, em termos mais amplos, que pretendo fazer é: qual a relação entre a concepção de alunos de educação básica sobre este tema e os caminhos para os quais apontam os recentes debates em torno do ensino de Idade Média?¹⁹

Um primeiro pressuposto que deve ser estabelecido é que precisamos pensar a narrativa histórica em sala de aula. Dizer isso é concordar com Paul Ricoeur quando este afirma que a história (enquanto conhecimento, busca de explicações e conexão de fatos) é inseparável de uma camada de narrativa. Carmen Anhorn explora o uso desse conceito para pensar a história escolar. Diz a autora:

Entre essas estratégias, destaco duas que me interessam sublinhar. Uma primeira consiste em garantir que no processo de reelaboração didática a cientificidade do conhecimento histórico seja assegurada. A segunda, e que ocorre de forma simultânea à primeira, diz respeito ao fato de esse processo garantir igualmente a inteligibilidade do conhecimento histórico ensinado aos sujeitos/ alunos da educação básica. Duas estratégias, pois, que a categoria narrativa, tal como concebida no quadro teórico de Ricoeur, contribui, sem dúvida, para pensá-las em toda a sua complexidade. Essa é a aposta defendida aqui. (ANHORN, 2012, pág. 196).

Ou seja, essa história consciente de sua própria narrativa, possui capacidade de tanto manter o caráter científico e com objetivos dentro do ensino, como também torná-la compreensível, aproximar-se do universo dos alunos. Embora possa parecer um problema a priori, não existe qualquer contradição entre as duas coisas, pois partindo da concepção de que qualquer explicação sobre o passado cria anacronismos, portanto, cria uma narrativa de modo que este se torne algo compreensível aos olhares do presente.

O que pretendo ao trazer o debate sobre a narrativa e ensino para este trabalho é a percepção de que o conhecimento histórico não nasce pronto, mas se ressignifica e, portanto, é criado novamente e diferente, a cada vez que lhe damos nova forma. Nesse sentido, o conhecimento histórico também pode ser construído através da ficção deliberada, criar uma narrativa para explicar/compreender certo conceito é um procedimento válido, assim como muitas vezes a leitura de ficção nos dá novas percepções que não são as usuais dentro do encadeamento tradicional de determinado conteúdo.

¹⁹ Especialmente incentivados pelas diferentes versões da Base Nacional Comum Curricular.

Além disso, a presença da ficção na vida dos alunos é um fato constante, e se estabelece como parte de seu espaço de experiência sobre o saber histórico. Para melhor compreendermos esta categoria, Koselleck nos explica que “a experiência é o passado atual, aquele no qual os acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento (...)” (KOSELLECK, 2006, p. 309). Portanto, se este trabalho visa compreender que formulações a sobreposição (ou ao menos junção) de conceitos escolares e de entretenimento podem produzir, é porque compreendemos que as significações que cada estudante dá ao conhecimento produzido passam também pelas suas experiências passadas.

Dito o que considero pertinente para este momento sobre a constituição do saber histórico e das peculiaridades do caso escolar, faz-se necessário discutir os temas sobre os quais irei propor análises. Fundamentalmente, são eles: gênero, a história dos grandes homens (para pensar a guerra medieval e o heroísmo) e o que significa falar de feudalismo.

Para Joan Scott, estudar gênero é precisamente estudar as diferenciações percebidas entre os sexos, portanto, este conceito não se trata de um tema sob o qual se lance determinado olhar, mas, sim, um olhar que se lança sobre algo. (SCOTT, 2006). Os estudos de gênero vêm tomando posição cada vez mais proeminente no fazer-se histórico, e conectando isso com o que acabamos de analisar, podemos dizer que as narrativas recentemente produzidas estão conscientes desse componente, que é tão indissociável da história quanto a própria ideia de narrativa. Para a autora, não importa de qual sociedade estamos falando, algumas ideias de “masculino” e “feminino” e de como estes interagem entre si, estão presentes. Por mais que por muito tempo estas tenham sido dadas como naturais ou automaticamente determinadas, imutáveis, estudá-las a partir dos estudos de gênero da segunda metade do século XX é caracterizar essas relações como produtos de sua época e de seus agentes.

Reconheço não apenas a validade deste enfoque como também a necessidade de sua presença na educação básica, ou seja, uma análise que todos, em nossos dias atuais, devem ter o direito de se apropriar. Perceber semelhanças com o passado, mas também as diferenças, faz parte das possibilidades de mudança do presente, pois assim, sabemos que existem outras maneiras possíveis de viver. Como nos explicam Freire, Haddad e Santos (2009):

Não bastarão leis, se não houver a transformação de mentalidades e práticas, daí o papel estruturante que adquirem as ações que promovam a discussão desses temas, motivem a reflexão individual e coletiva e contribuam para a superação e eliminação de qualquer tratamento preconceituoso. Ações educacionais no campo da formação de profissionais, como o curso Gênero e Diversidade na Escola, são fundamentais para ampliar a compreensão e fortalecer a ação de combate à discriminação e ao preconceito. (FREIRE; HADDAD; SANTOS, 2009. Pág. 9).

Portanto, além de uma categoria histórica operacional e válida, gênero é também tema fundamental da educação que visa à constituição cidadã dos brasileiros.

Existe uma tradição de trato com a história que, embora possa parecer distante aos acadêmicos, ainda permeia, não apenas o ensino, mas também as criações culturais que tratam de temas históricos, a chamada “História dos grandes homens”. Esta visão e prática histórica

transpassa séculos, e no Brasil, foi identificada desde meados do século XIX por Oliveira (2009):

A observação dos fatos para a apreensão de seu encadeamento seria o procedimento que aproximaria a história das demais ciências da natureza, mas não residiria aí o critério absoluto de sua cientificidade. Como guardião da memória dos feitos dos grandes homens, o historiador cumpriria importante função para que a história, por efeito da sua marcha contínua, também se realizasse como instância de justiça para a humanidade. (OLIVEIRA. 2009. Pág. 183).

Se esta maneira de pensar, ou de produzir a história, está presente em nossas tradições, e muitas vezes automatizada, é importante refletir se é esta história que queremos em nossas escolas e que função social esta modalidade de pensamento possui. Segundo Anhorn (2012), os currículos brasileiros vêm, desde os anos 80, rejeitando uma maneira linear, progressista e centrada nos “grandes homens”, o que denota que este não seja o modelo buscado pelos pensadores da educação, mas até que ponto, ao estudarmos os feitos de presidentes do Brasil, em encadeamento unicamente cronológico, não é este nosso referencial?

Será que ao privilegiar líderes e seus feitos não estamos renegando o papel da população civil, suas práticas culturais, seus costumes e ações políticas, dentro da história, e, portanto, negando sua possibilidade de ação tanto no passado como na atualidade e no futuro, afinal, a história é apenas feita na esfera política dentro desta ótica? É essa a função da institucionalização da disciplina histórica? Creio que esteja longe daquilo que pretendemos. Em *As Crônicas de Gelo e Fogo*, George Martin esboça uma crítica a esta tradição, uma vez que recria a história de seu continente fictício, Westeros, através de narrativas sobre os reis passados, porém, os limites dessas narrativas ficam claros quando nos deparamos com distorções e as várias versões até mesmo de fatos do tempo presente (no qual ação da saga se desenrola).

Com isso também, a dimensão das guerras deixa de ser apenas um confronto entre famílias e reis, mas torna-se também um fato social de consequências catastróficas para a população, algo que também é bastante ignorado em aulas de história e na tradição literária. Quando estudamos a Guerra do Peloponeso, a Guerra dos Sete Anos, apenas para citar exemplos, são recorrentes as menções às catástrofes que isso trouxe para o Estado, mas muito poucas as que reflitam sobre como as pessoas reagiram a isso.

E por fim, mais uma breve explicação sobre outro dos problemas constantes do ensino de idade média: a associação imediata com o feudalismo, um sistema de produção que é específico e característico de parte da Europa desse período. Pode-se debater a cronologia mais adequada para a Idade Média, mas na escola, a periodização comum engloba, aproximadamente, do século III ao XIV. Alain Guerreau²⁰, ainda que de maneira polêmica dentro da historiografia medieval, possui formulações que nos permitem delimitar o feudalismo como um conceito histórico, e não um sinônimo de idade média.

Para Guerreau, feudalismo é uma relação específica entre fatores localizados no tempo e no espaço, e que é determinada por como se estabelece o domínio (uma questão de poder, e não de direito, afinal, isto implicaria na existência de um Estado), a parcelarização do poder, com a coesão dada pela Igreja. Tal coesão é caracterizada pelos “parentescos artificiais”,

²⁰ GUERREAU, A. Feudalismo: um horizonte teórico. Lisboa: Edições 70, 1982. págs. 213-257.

como a tradição de padrinhos de batismo e casamentos exogâmicos, por exemplo. É claro que não podemos aplicar essa formulação para outras sociedades que existiam no mesmo período, a começar por aquelas que não seguiam a Igreja Católica, mas, da mesma maneira, aquelas nas quais a Igreja não necessariamente desempenhava o papel de organizadora das relações de poder entre senhores, como por exemplo, a muito mais plural Península Ibérica.

Para encerrar esta discussão teórica, portanto, afirmo que é necessário entender a idade média como um período, e mesmo assim, discutir a validade deste termo moderno, e o feudalismo como um fenômeno estritamente europeu, e ainda assim, não válido para toda a Europa. Durante o mesmo período, existiam sociedades muito diferentes na Ásia, África e América, no entanto, muitas vezes, não hesitamos em definir mil anos de história mundial a partir de um espaço bastante limitado.

Referenciais Teóricos e Revisão Bibliográfica:

Os especialistas em Ensino de História, com foco em Idade média, Nilton Pereira e Marcello Giacomoni publicaram, em 2008, o livro “Possíveis Passados: representações da Idade Média no ensino de História”, um estudo que procura entender que visões e modelos explicativos do período medieval aparecem nos livros didáticos no Brasil. Para distinguir momentos e suas respectivas explicações e formulações sobre o tema, os autores utilizam o conceito foucaultiano de dispositivo. Para eles:

Um dispositivo encerra um determinado conjunto de formas de dizer e fazer, circunscritas em uma época e espaço definidos, numa dada sociedade. Esse conjunto se revela como uma máquina que estabelece o que se pode ser dito e o que pode ser pensado. Um dispositivo é um diagrama de poder que institui verdades, comportamentos, e enfim, produz subjetividade. Ele é uma máquina que dá visibilidade aos objetos, aos temas, e constitui um conjunto de regras que nos permite ver e dizer, ou seja, que nos permite pensar na veracidade ou falsidade. (GIACOMONI; PEREIRA, 2008, p. 23-24).

Sendo assim, é preciso entender cada uma destas categorizações como possibilidades de entendimento e reprodução do saber que se sustentem em si mesmas, que formem um paradigma que se perceba enquanto coerente. É com essa conceituação que os autores acabam por encontrar três grandes dispositivos de medievalidade presentes nos objetos de suas pesquisas: um primeiro, onde a atenção está voltada para uma positivação da Igreja em seu esforço de converter as populações germânicas (os bárbaros, nestes trabalhos) enquanto condena o período, como na clássica expressão de “mil anos de trevas”, este dispositivo está majoritariamente presente nos livros didáticos do início do século XX no Brasil. Um segundo, caracterizado pelas leituras marxistas, que persiste na negativação do período, porém, invertendo a valoração que se faz da Igreja, onde aqui, esta se torna responsável pelo “atraso” da sociedade. Por fim, a partir de uma análise dos livros aprovados pelo PNLD de 2008, os autores perceberam um terceiro dispositivo mais próximo das tendências acadêmicas, procurando evidenciar fatores da vida medieval para além da Igreja, guerras e peste, muito

embora, os reflexos da atribuição pejorativa da Idade Média, e mesmo da Igreja se mantêm presentes.

Concordando com a validade do conceito de “dispositivo de medievalidade” para entender formas de pensar a Idade Média, é pertinente procurar estas mesmas características numa obra de fantasia, onde o autor se propõe a retratar uma sociedade medieval, ainda que num universo criado a parte. Seria reducionista considerar que George R. R. Martin poderia se encaixar em um dos dispositivos identificados por Pereira e Giacomoni no caso específico dos livros didáticos brasileiros, mas é interessante pensar em um dispositivo próprio encontrado em *As Crônicas de Gelo e Fogo*. Portanto, buscando os limites do próprio conceito, o que acontece quando um dispositivo escolar a qual todos os alunos têm acesso se choca com um dispositivo dominante numa obra literária de grande repercussão? Que outros dispositivos estão se chocando neste público específico, que não criam suas noções de Idade Média apenas da escola? Que conceitos, entendimentos, formas explicativas surgem a partir daí? É essa relação que esse trabalho buscará analisar.

José Rivair Macedo, em capítulo escrito para o livro *História em Sala de Aula*, parece também detectar um dispositivo explicativo, ou pelo menos, dá pesos diferentes às características do segundo modelo de Pereira e Giacomoni. Este capítulo é propositivo, é preciso ter em mente que Macedo procura se posicionar sobre “qual idade média” é mais interessante que a escola construa. Para isso, faz uma pequena análise sobre a recorrência de determinadas significações que aparecem no ensino do tema no Brasil, ao que conclui que:

Nesse caso a função social da História tem estatuto diferente do conhecimento erudito e acadêmico, continuando a estar ligado à constituição da memória da nação, do Estado Moderno e da supremacia ocidental no mundo. Seu objetivo último é demonstrar as razões (explícitas e implícitas) pelas quais os sucessores dos ‘bárbaros’ que saquearam o Império Romano no século V (ou seja, a maior unidade política constituída até aquele momento) viessem a se tornar, mil anos depois, os ‘descobridores’ e ‘conquistadores’ da África, do Extremo Oriente e da América. (MACEDO, 2013, p. 112).

Portanto, o autor identifica, da mesma maneira que os autores já mencionados, que há uma distância entre as pesquisas acadêmicas e o ensino de Idade Média, o segundo tendendo a generalizações e explicações tautológicas, ou seja, uma lógica atribuída em razão dos eventos posteriores que já são conhecidos por quem faz a análise, buscando criar um juízo de valor sobre a sociedade medieval, priorizando aquilo que parecem ser “permanências”, quase que uma “predestinação” dessas populações à expansão territorial e maior poder político.

Além disso, quando mencionei a proposição do texto, ela tem a ver justamente com essa questão: ao identificar que ao olhar para a Idade Média de maneira generalizante e tautológica, priorizamos aquelas nações que hoje ocupam posições de maior poder, Inglaterra, França, Itália e Alemanha, o autor propõe, por conta disso, a “descolonização” do estudo dos temas medievais, trazer a Península Ibérica para o centro de nossa análise em sala de aula, afinal, os principais contatos do Brasil no período colonial foi com os países que lá habitam. A Península Ibérica da Idade Média possui também singular espaço de relações étnico-

religiosas, protagonizadas por judeus, muçulmanos e cristãos desde o século VIII. Parece-me que, por possuir uma lógica explicativa própria, uma justificativa própria, a proposta de descolonizar o ensino de Idade Média pode ser chamada de um dispositivo em potencial, muito embora não tenha se concretizado.

Macedo também procura caracterizar o lugar que a idade média ocupa na sociedade fora da escola, comenta os romances de cavalaria, jogos de videogame e computador, e aí, os define como espaços cujo único objetivo é produzir enredos ficcionais. Concordar com esse pressuposto, no entanto, é ignorar a potencialidade didática e reflexiva que os materiais de ficção possuem, e aqui, me proponho a pensar justamente como uma obra de ficção opera noções medievais tanto quanto os materiais didáticos. Se *As Crônicas de Gelo e Fogo* se valem apenas da ambientação medieval²¹ para construir um despropositado enredo fantasioso, como afirma o autor, pouco importa quais conceitos estão presentes, qual “dispositivo de medievalidade” permeia o texto e repercute no público leitor, e é precisamente essa perspectiva que pretendo questionar.

Outra das reflexões de Nilton Pereira se faz presente no artigo “Ensino de História, Medievalismo e Etnocentrismo”, onde defende que o estudo da Idade Média no período escolar é fundamental, pois ajuda a compreender as tradições do “Europeu moderno esclarecido”, e como estas mesmas são frágeis, mas mesmo assim, possuem ampla repercussão. Nesse contexto, o autor faz também uma comparação com o caso das sociedades indígenas e africanas, que também sofrem estereotipização por conta da maneira como estes sujeitos modernos compreendem o “outro”. O que não fica claro nessa argumentação, no entanto, é porque a Idade Média se faz como um exemplo necessário dessa dicotomia, porque é preciso compreender a relação dos europeus modernos com os medievais para também compreender sua relação com africanos e americanos. O mesmo artigo também explora o ensino de história como algo além da “biografia das nações”, e que se este estudo tem algo a nos ensinar enquanto sociedade (no caso, o argumento anterior), sua importância no currículo se mantém.

Dessa vez em obra conjunta com Igor Teixeira, Nilton Pereira propôs uma série de reflexões a cerca das duas versões preliminares da Base Nacional Comum Curricular, lançadas em 2015 e 2016 e o papel dos estudos medievais no contexto da educação brasileira. Aqui, nos são apresentados dois conceitos particularmente interessantes: a “medievalística”, palavra que compreende a linha de pesquisas sobre o tema da Idade Média, o estudo mais aprofundado, e a “medievalidade”, usos da Idade Média apenas como referência, ambientação, o que muitas vezes incorre em visões estereotipadas e simplistas. Ambos os conceitos foram selecionados de um texto de José Rivair Macedo, e dão luz aos questionamentos propostos: em que o estudo das realidades medievais pode contribuir para o pensar histórico e por que deve estar no currículo escolar?

Consideram os autores que a aplicação de diversos debates presentes nos estudos da medievalística é de grande importância para a compreensão histórica da alteridade. Ou seja, a história não nos ajuda apenas a entender o pertencimento, o desenvolvimento político e cultural de nosso próprio Estado-Nação, mas também, como se forma a noção de “outro”, de

²¹ Caracterizada, especialmente, pelas relações de poder representadas na obra, uma determinada organização política pela qual podemos associar a este termo.

estranhamento, a circunstancialidade de determinadas situações históricas. Além disso, os autores declaram que existe uma ligação direta do estudo da Idade Média com a sociedade contemporânea. Dizem eles:

O que se quer dizer é que não apenas há algo mais de passado que o recorte que fizemos dele desde o presente e que o acesso ao passado pode se dar também pelo residual, pela imaginação e pela inutilidade. Ou seja, o estudo da Idade Média muito tem a ver com a criação de uma cultura política, como sugere a ABREM em sua carta contra a versão preliminar da BNCC, mas muito tem igualmente, pelo estrangeiro e pelo estranhamento, de abordar as residualidades, as ficções criadas sobre o medievo e que aporta os lares no mundo todo, todos os dias. (PEREIRA; TEIXEIRA, 2016, p. 8).

Portanto, estudar a Idade Média é também entender que tipos de usos e construções se fazem dela na sociedade brasileira contemporânea. O que explica o extremo sucesso das Crônicas de Gelo e Fogo no Brasil do século XXI também tem a ver com entender como nos apropriamos desse período. Se romantizado, ou se de maneira crítica? É normal que tendamos para a primeira opção, mas os livros a serem analisados nos apontam para outra direção, mesmo que a sua recepção possa nos trazer de volta ao ponto de partida.

Uma proposta que é feita pelos autores para apontar a relevância dos estudos medievais é a apresentação, para os alunos, das escritoras japonesas, um campo rico para debates sobre gênero e acesso à escrita por parte das mulheres num período recuado. Por ser fundamentalmente diferente essa relação no caso japonês é interessante trazer para a sala de aula o debate da desnaturalização da subordinação feminina em períodos recuados. E novamente, As Crônicas de Gelo e Fogo trazem um debate bastante aprofundado, como ficará claro nos comentários sobre os artigos “Poder e Feminismo em Westeros” e “Homens e Monstros”, analisados nos parágrafos seguintes, partindo da coletânea onde se encontram.

“Além da Muralha” é uma coletânea de artigos publicados a respeito de As Crônicas de Gelo e Fogo, organizado pelo romancista e editor James Lowder, publicado originalmente em 2012 e traduzido para o português pela editora Leya em 2015. Dentre os artigos, alguns especialmente nos interessam: a partir de discussões sobre a visão de história apresentada na obra, as relações de gênero, falando de papéis femininos, empoderamento e violência sexual, podem nos apontar também para um modelo de entendimento que o autor propõe para uma Idade Média, aqui fantasiosa, mas por onde George Martin expressa uma série de críticas a noções correntes do que nós chamamos de “dispositivos” mais usuais.

Em “Um Mundo Incerto”, o autor Adam Whitehead aponta uma análise cautelosa das representações de passado e entendimento histórico dentro da obra. É perceptível, segundo o autor, o como realidade histórica e mitologia são inseparáveis no continente de Westeros e as cronologias são bastante duvidosas. Um dos recursos muito utilizados por Martin na obra é a distorção de informações conforme existe afastamento temporal e geográfico. Uma das protagonistas, Arya Stark, presencia na cidade livre (fora do reino, que possui semelhanças com as cidades italianas) de Bravos um teatro que representa muitos outros personagens que ela mesma conheceu quando vivia na corte. Por meio desse recurso, o autor nos faz perceber o como o ponto de vista privilegiado do leitor está distante das versões que são retratadas de

outros protagonistas, principalmente de Tyrion Lannister, que se torna um vilão caricato em sua versão teatral. Portanto, se fatos retratados pouco mais de um ano depois de acontecerem são distorcidos, não apenas por interesses políticos, mas também pela mera limitação do ponto de vista e dificuldades da circulação de informação, o que podemos pensar sobre os acontecimentos históricos?

Já sobre as questões de gênero, Caroline Spector em “Poder e Feminismo em Westeros” e Alyssa Rosenberg em “Homens e Monstros” trazem importantes reflexões. A primeira trabalha com algumas das principais figuras femininas da obra e como estas, de alguma maneira, subvertem o que é esperado de si. A “rainha má” Cersei Lannister, possui um passado cheio de limitações impostas por homens (o pai e o marido, principalmente) que explicam seu caráter orgulhoso e sedento por poder, o que a leva a posições de grande influência na corte, sendo personagem ativa das grandes conspirações. Sansa Stark, supostamente inocente, sonhadora, acaba tomando uma série de atitudes que levam a situações extremas: escolhe tomar partido do príncipe a quem está prometida num incidente e isso causa a morte de um menino inocente, assim como decide entregar os planos do pai à Rainha Cersei para impedir o mesmo de levá-la embora da corte. Brienne Tarth, o que poderia ser uma guerreira “masculinizada” justamente por ter aptidão para a luta, nunca deixa de ser uma pessoa frágil, que enfrenta barreiras impostas por seu gênero, mas também consegue certo espaço e reconhecimento. A partir desse rompimento com estereótipos de personagens femininas, é possível perceber mais um traço deste “dispositivo de medievalidade” de George Martin, uma visão de que mulheres possuem posições muito mais complexas no mundo medieval do que a mera submissão ao masculino.

Rosenberg também aponta para uma desconstrução: a naturalização do estupro quando falamos de experiências medievais. Diferente também de um discurso corrente, o autor retrata a violência sexual como um limite que poucos personagens estão dispostos a cruzar, e os que o fazem, são aqueles mais próximos do que poderíamos entender como vilões. Personagens conhecidos por seu senso de justiça são extremamente intolerantes com estupros por parte de seus soldados, como é o caso de Eddard Stark e Stannis Baratheon. Jaime Lannister adota a mesma postura quando passa por seu arco de redenção, resgatando a criada Pia de um bando de mercenários que estavam a seu serviço. Um dos mais reconhecidos “vilões” da saga, Tywin Lannister, deixa bem claro para seu filho Tyrion que concorda que os atos do monstruoso Gregor Clegane para com a princesa Elia Martell não foram ordem sua e que tal atitude era muito pior do que ele mesmo poderia ordenar (embora Tywin já tenha ordenado um estupro, como sabemos pelas memórias de seu filho).

Depois que a série de TV Game of Thrones representou um estupro que não estava no material original, de uma das protagonistas, Sansa Stark, comentários surgiram aos montes na Internet, justificando a situação, afirmando que no contexto medieval era considerado normal esse tipo de violência, enquanto a obra literária afirma diversas vezes que não entende esta situação característica da Idade Média, pelo contrário, mesmo que fosse recorrente, sempre é carregada de consequências e julgamentos morais rigorosos. Muito embora existam algumas imprecisões na coletânea, os artigos de Além da Muralha, se devidamente verificados com leitura da saga, são bastante esclarecedores de como determinados temas aparecem representados.

Existe um trabalho de conclusão de curso produzido na Masaryk University, por Lucia Sladiková, chamado “Reality in George R. R. Martin’s A Song of Ice and Fire”, onde a autora procura referências à história das ilhas britânicas dentro do enredo das Crônicas de Gelo e Fogo, tais como religiões, visões da população sobre “bárbaros”, as práticas dos cavaleiros e a arquitetura de um dos grandes monumentos de Westeros, a Muralha. A intenção é provar que George Martin se inspirou na história britânica para criar seu mundo fantasioso, porém, por muitas vezes o trabalho peca por considerar total intencionalidade do autor a se referir a eventos específicos do passado britânico quando faz uso de eventos bastante genéricos (a exemplo do uso da curvatura da Muralha ficcional e de três muralhas britânicas que também são curvadas, ou do fato de que cavaleiros se deslocam para a capital do reino para torneios tanto na obra como nos argumentos de diversos estudiosos da cavalaria). No entanto, também existem análises interessantes, se não da comparação principal do trabalho, mas da obra em si. Ao discutir a possibilidade de “As Crônicas de Gelo e Fogo” se enquadrar em algum gênero literário, a autora atenta para a relação que o universo criado possui com seu próprio passado, e por isso, possui elementos do gênero conhecido por metaficção historiográfica. Essa relação de incertezas, constantes desconstruções dos mitos, discussão sobre fontes históricas também compreendem o dispositivo de medievalidade da saga, uma vez que, na visão apresentada pelo autor, um mundo medieval constrói seu próprio passado a partir de versões “oficiais” que são esquematizações da realidade (mais ou menos intencionais, mas todos tendenciosos) e que nunca conseguem atingir um patamar de “verdade absoluta”.

Sladiková também atenta para a estrutura parcializada da narrativa, que faz com que existam elementos de uma literatura pós-moderna na obra, e esse aspecto é reforçado justamente pelo elemento da metaficção historiográfica, uma tradição literária ligada a questionamentos das entidades tipicamente modernas, como a Nação, e na esteira, a procura de uma raiz romantizada da nação (no caso das europeias) na Idade Média. Apesar dos elementos presentes desses dois gêneros, é praticamente consenso que As Crônicas de Gelo e Fogo são uma obra de fantasia medieval (em português, o termo “Alta Fantasia” – “High Fantasy” – não é comum, porém é uma categoria utilizada por Lloyd Alexander²² para descrever grandes universos fantasiosos criados com um funcionamento interno, mitologia, história e geografia próprias, por exemplo, direcionadas não apenas para crianças, mas principalmente para adultos), porém, com duras críticas ao modelo fantasioso tradicional, e por essa razão, é uma obra que, a meu ver, possui um dispositivo de medievalidade praticamente próprio, que se manifesta de diversas formas no decorrer dos livros, e pode vir a marcar e reformular profundamente a visão sobre a Idade Média de um grande número de leitores.

²² High Fantasy and Heroic Romance. Horn Book Magazine, Boston, v. I, Dezembro, 1971.

Metodologia

A palavra metodologia refere-se de maneira mais específica, aos meios pelos quais pretendo alcançar as conclusões objetivadas aqui. Para identificar as concepções de estudantes, a maneira que me parece, além de mais lógica, mais eficiente, é dar voz aos próprios estudantes, portanto, minha fonte principal serão questionários respondidos por alunos do terceiro ano do ensino médio (anexo 1), de quatro escolas, duas privadas e duas públicas, do município de Porto Alegre. E que tipo de respostas pretendo extrair daí?

É claro que é necessário, em primeiro lugar, compreender a realidade socioeconômica destas turmas, compreender que tipos de acesso estes têm à temática “idade média” e como foi sua trajetória escolar sobre o tema. Portanto, uma parte introdutória é focada em uma coleta de dados preliminares. A segunda parte destina-se às compreensões dos temas de história a serem analisados. Portanto, como estes estudantes entendem a Idade Média, como compreendem o papel exercido pelas mulheres, as relações de suserania e vassalagem e os significados das guerras para a sociedade medieval. A terceira, e última parte, foca-se em identificar o que os estudantes extraíram da série literária, ou mesmo da série de TV. O que mais gostam? Quais são as mensagens que eles acreditam serem passadas nesse material?

Retomo aqui a necessidade do uso do conceito de espaço de experiência de Koselleck. Pois, para conseguir identificar como os estudantes formulam suas concepções, recorri, principalmente, àquilo que se expressa como experiência, visando entender como um dispositivo de medievalidade institucionalizado é penetrado por um (ou mais) dispositivo(s) proposto pelos produtos culturais estudados.

Resultados gerais dos questionários:

Responderam aos questionários, ao todo, sessenta e seis alunos, trinta e dois do Colégio Anchieta, escola privada, treze da Escola Técnica Estadual Irmão Pedro e vinte e um do Colégio Estadual Japão, somando trinta e quatro da rede pública. Sobre idade, gênero e raça, seguem as seguintes tabelas:

Idade	16 anos	17 anos	18 anos	19 anos	Não respondeu	Total
Colégio Anchieta	5	24	2	0	1	32
E.T.E. Irmão Pedro	1	9	3	0	0	13
Colégio Japão	1	11	2	2	5	21
Total	7	44	7	2	6	66

Tabela 1 – Idade do universo de estudantes participantes

Gênero	Masculino	Feminino	Outro	Não respondeu	Total
Colégio Anchieta	16	15	0	1	32

E.T.E. Irmão Pedro	7	6	0	0	13
Colégio Japão	13	8	0	0	21
Total	36	29	0	1	66

Tabela 2 – Gênero do universo de estudantes participantes

Raça	Branco	Preto	Pardo	Amarelo	Indígena	Não respondeu	Total
Colégio Anchieta	30	0	1	0	0	1	32
E.T.E. Irmão Pedro	11	0	1	1	0	0	13
Colégio Japão	12	5	4	0	0	0	21
Total	53	5	6	1	0	1	66

Tabela 3 – Raça do universo de estudantes participantes

Estes dados, em suma, evidenciam que a maior parte dos alunos possui dezessete anos (cerca de dois terços), aproximadamente 54% são homens e cerca de 80% são brancos, sendo que dentre os 20% que identificaram em outras categorias, 75% são do colégio Japão.

16% declararam não ter lido nenhum livro em 2017 (distribuídos entre as duas escolas públicas), enquanto 48% admitiram ter lido de um a cinco livros em 2017 (tendo dez dos treze alunos da E.T.E. Irmão Pedro selecionado esta opção), 12% leram de seis a dez livros, 15% leram de onze a vinte e apenas 7,5% leram mais de vinte, sendo quatro destes últimos, alunos do Colégio Japão e nenhum da E.T.E. Irmão Pedro. Segundo dados da pesquisa promovida pelo Ibope, denominada Retratos da Leitura, a média de livros lidos por ano por pessoas que possuem Ensino Fundamental completo no Brasil foi de 5,26 em 2015, enquanto daqueles que possuem Ensino Médio completo foi de 4,79,²³, o que caracteriza a maioria dos alunos em um grau semelhante, uma vez que declararam ter lido de um a cinco livros.

Quanto às horas semanais assistindo programas televisivos (e isto inclui programas exibidos na televisão, mas assistido em outras plataformas, como via internet), 10,6 % não assistem nenhuma hora, 43,9% assistem de uma a cinco horas, 34,8% assistem de seis a dez horas (sendo que tanto absoluta como proporcionalmente, a grande maioria destes são alunos do Colégio Anchieta), e apenas 9% assistem mais de dez horas semanais. Estes índices, em geral, estão distribuídos de maneira muito parecida entre as três escolas.

Resultados dos Questionários sobre Idade Média:

Não houve nenhum aluno que declarou não ter estudado Idade Média na escola, embora muitos (doze no total) não soubessem dizer em que ano isso aconteceu. De maneira geral, preponderaram as respostas “primeiro ano do ensino médio” (catorze alunos), “sexta série do ensino fundamental” (dezenove alunos) e “sétima série do ensino fundamental” (vinte

²³ Dados disponíveis em:

<[http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - 2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)>. Acesso em 09/01/2017.

e quatro alunos). Em alguns questionários, apareceram mais de uma destas opções, geralmente uma no ensino fundamental e outra no médio, mas eventualmente, dois anos em sequência na mesma etapa de ensino.

Quanto à qualidade deste aprendizado, segundo a própria percepção dos alunos, segue a seguinte tabela:

Aprendizado	Excelente	Bom	Mediano	Ruim	Péssimo	Não respond eu	Total
Colégio Anchieta	1	21	8	1	1	0	32
E.T.E. Irmão Pedro	1	4	3	4	1	0	13
Colégio Japão	1	11	7	2	0	0	21
Total	3	33	18	7	2	0	66

Tabela 3 – Autoavaliação do aprendizado sobre Idade Média universo de estudantes participantes

É perceptível, então, que a maior parte das turmas se sente relativamente bem apropriada do assunto, poucos foram os que consideraram seu aprendizado ruim, menos ainda os que o consideraram péssimo.

Quando questionados sobre quais outras formas a idade média se faz presente em seu cotidiano, a opção “série ou filmes” foi maioria em todas as escolas, mas é notável que no Colégio Anchieta, o segundo lugar ficou com “livros de ficção” e em terceiro, “estudos particulares” (ambas os últimos lugares nas outras escolas), enquanto nas outras duas escolas, a segunda escolha foi “jogos digitais”. Apenas um aluno não identificou nenhuma forma de presença da Idade Média em seu cotidiano, sendo este do Colégio Anchieta.

Na sequência, solicitava-se que citassem exemplos práticos das opções da questão anterior, apresento aqui a tabela com os três exemplos mais citados em cada escola e também os três mais citados no total:

	Exemplo	Número de menções
Colégio Anchieta	Game of Thrones (série televisiva)	14
	Robin Hood (livros e filmes)	6
	Senhor dos Anéis (livros e filmes)	5
E.T.E. Irmão Pedro	Senhor dos Anéis (livros e filmes)	7
	Vikings (série televisiva)	6
	Game of Thrones (série televisiva)	5
Colégio Japão	Game of Thrones (série	11

	televisiva)	
	Senhor dos Anéis(livros e filmes)	9
	Age of Empires (jogo digital)/300 (revista em quadrinhos e filme)	3
Total	Game of Thrones (série televisiva)	30
	Senhor dos Anéis (livros e filmes)	21
	Vikings (série televisiva)	10

Tabela 4 – Exemplos de produtos culturais relacionados à Idade Média mais citados pelo universo de estudantes participantes

Dentre os mais mencionados, é notável a preponderância de Game of Thrones, que além de estar quantitativamente em primeiro lugar, aparece entre os três mais lembrados de todas as escolas, assim como o segundo lugar, Senhor dos Anéis. Curiosamente, ambos os terceiros lugares do Colégio Japão, Age of Empires e 300, não remetem diretamente à idade média (embora o primeiro, que é um jogo digital, tenha alguns estágios que englobe este período). A recorrência de produtos que não diziam respeito à Idade Média foi pequena, mas perceptível.²⁴ Apareceram o filme Tróia, a série de livros e televisiva Outlander, as séries televisivas Reign e The Tudors, o jogo Civilization – a mesma situação de Age of Empires -, a série de livros e sua adaptação cinematográfica Harry Potter e a animação A Fuga das Galinhas. Apenas cinco alunos não mencionaram nenhum exemplo, três do colégio Anchieta e um de cada uma das outras escolas.

Quando perguntados sobre personagens históricos relativos à idade média, houve mais omissões: vinte e cinco alunos responderam não se lembrar de nenhum, sendo treze desses, do Colégio Japão (quase dois terços da amostra da escola). Usando o mesmo molde da tabela anterior, aqui tivemos:

	Personagem	Número de menções
Colégio Anchieta	Joana D'arc	7
	Rei Arthur	5
	Robin Hood/Carlos Magno	4

²⁴ Adotando para isso, a noção de idade média como uma representação de determinadas relações de poder e estruturas políticas. É possível que grande parte dos produtos não relacionados diretamente a idade média, provoquem outro tipo de relação para os alunos. É o caso da série televisiva “The Tudors”, que, tecnicamente, se passa em um período posterior, porém, trata majoritariamente de uma família real, é ambientada entre castelos e zonas majoritariamente rurais. Mesmo o filme “A Fuga das Galinhas” pode estar ligado às noções de trabalho forçado apresentadas.

E.T.E. Irmão Pedro	Carlos Magno	3
	Camponeses	3
	Senhores Feudais	2
Colégio Japão	Martinho Lutero	3
	Rei Arthur	2
	Bilbo Bolseiro	2
Total	Rei Arthur	7
	Carlos Magno	7
	Joana D'arc	7

Tabela 5 – Exemplos de personagens históricos mais citados pelo universo de estudantes participantes

Aqui se destaca a presença marcante de “grandes figuras”, em geral, governantes ou guerreiros, sendo eles ficcionais (como Bilbo Bolseiro e Rei Arthur) ou reais. As únicas mulheres mencionadas foram Joana D’arc, muito lembrada no Colégio Anchieta e Ana Bolena, rainha da Inglaterra, já durante o que não consideramos idade média, que foi mencionada pela mesma pessoa que citou The Tudors na questão anterior, série na qual a figura é personagem durante duas temporadas. Houve também uma curiosa menção a Michel Temer, que pode refletir as constantes analogias com o Brasil “voltando à Idade das Trevas”.

Em contrapartida, houve também quem compreendesse a pergunta por um olhar mais generalizante. “Personagens históricos” foram entendidos como figuras sociais genéricas das estruturas medievais, portanto, apareceram “reis, cavaleiros, senhores feudais, latifundiários, camponeses, servos, bárbaros e burgueses”, todos estes somando catorze menções.

A respeito de quais guerras medievais os alunos se lembravam, mais da metade dos alunos não se lembrou de nenhuma, enquanto pouco mais de um terço citaram as cruzadas. Os poucos outros exemplos, foram as guerras entre Roma e Cartago (que são anteriores à idade média), a Guerra de Tróia (na mesma situação da anterior), a invasão do Império Turco Otomano (que se consolida apenas após a idade média), a Inquisição e a Guerra dos Cem Anos, sendo que apenas esta última teve mais de uma menção. Dentre as poucas lembranças sobre a guerra, todas mencionavam apenas os principais lados do conflito, como “Guerra entre França e Inglaterra” ou “Guerras entre Cristãos e Muçulmanos”.

Sobre os termos associados à condição feminina na idade média, apareceram conforme a seguinte tabela²⁵:

²⁵ As categorias escolhidas são aquelas que poderiam pautar debates entre liberdade e opressão dentro de um imaginário mais amplo sobre a sociedade medieval.

Termos	Número de Menções
Poder	0
Liberdade	1
Arte	5
Religião	12
Trabalho Rural	26
Reclusão	34
Opressão	46
Tarefas Domésticas	46
Violência Sexual	49

Tabela 6 – Palavras que remetam à situação feminina na Idade Média assinaladas pelo universo de estudantes participantes

É notável que as opções menos selecionadas sejam aquelas que conferem maior espaço de atuação para as mulheres, enquanto que as mais selecionadas são também aquelas que estão associadas à perda de liberdade sobre si mesmas. Em geral, as escolas responderam em proporções parecidas nesta questão e nenhum aluno não selecionou nenhuma das opções. A questão seguinte, discursiva, sobre quais são as principais diferenças da condição feminina na Idade Média e nos dias de hoje, discutiremos no item 6.2.

Resultados dos Questionários sobre As Crônicas de Gelo e Fogo:

Enfrentei aqui a primeira dificuldade do trabalho. Quando elaborei inicialmente a problemática, considerei que a saga de livros seria relativamente popular entre os participantes, mas encontrei um resultado diferente disso. Ao todo, apenas cinco alunos chegaram a ler os livros, sendo que apenas um completou a leitura dos cinco volumes. Dos treze alunos da escola Irmão Pedro, seis nunca haviam ouvido falar dos livros. Este problema teve de ser resolvido priorizando as análises da série televisiva Game of Thrones, que, conforme os dados coletados, nenhum aluno declarou nunca ter ouvido falar sobre e trinta e cinco dos sessenta e seis já assistiram pelo menos alguns episódios avulsos.

Dentre estes trinta e cinco, apenas dezenove se sentiram aptos a responder o restante do questionário, sendo destes dez do Colégio Anchieta, dois da E.T.E. Irmão Pedro e sete do Colégio Japão. A pergunta sobre o seu personagem favorito teve uma adesão um pouco maior: três alunos a mais do colégio Anchieta responderam esta questão e depois abandonaram o questionário.

Sobre a ocorrência dos personagens favoritos, segue a tabela:

	Não respondeu	Tyrion Lannister	Daenerys Targaryen	Jon Snow	Arya Stark	Ramsay Bolton
--	---------------	------------------	--------------------	----------	------------	---------------

Colégio Anchieta	0	3	4	5	3	0
E.T.E. Irmão Pedro	0	0	1	0	0	1
Colégio Japão	1	3	1	0	2	0
Total	1	6	6	5	5	1

Tabela 7 – Personagens favoritos de As Crônicas de Gelo e Fogo e Game of Thrones do universo de estudantes participantes

Os vinte e um alunos citaram apenas cinco personagens como seus favoritos, sendo estes, especialmente, aqueles que receberam, dentro da série de televisão, maior destaque nas temporadas mais recentes, como discutiremos em breve sobre as noções de heroísmo. A menção de Ramsay Bolton é um ponto fora da curva, pois o personagem é um vilão que recebe mais destaque em Game of Thrones do que nos romances de Martin (o aluno em questão não é leitor da saga), mas tem seu arco encerrado na adaptação quando é morto como um antagonista da família Stark após a Batalha dos Bastardos.

Na sequência (e agora contando apenas com os dezenove restantes), era solicitado que os alunos atribuíssem pontos de um a doze (doze para o que mais gosta e um para o que menos gosta) para alguns personagens selecionados. Para analisar estes resultados, temos a seguinte tabela da pontuação média de cada personagem:

	Colégio Anchieta	E.T.E. Irmão Pedro	Colégio Japão	Média Geral
Tyrion Lannister	11,2	10	9,2	10,1
Arya Stark	8,9	10,6	10,2	9,9
Daenerys Targaryen	10,3	11	7,7	9,7
Jon Snow	10,6	8,3	5,7	8,2
Brienne Tarth	6,8	9,5	6,5	7,6
Davos Seaworth	6,6	4,5	7	6
Cersei Lannister	4,2	5,5	6,4	5,3
Sansa Stark	5,4	5	4	4,8
Theon Greyjoy	2,7	5	6,5	4,7
Tommen Baratheon	4,3	3	4,7	4
Catelyn Stark	4,1	2,5	5,1	3,9
Stannis Baratheon	2,5	4	3,8	3,4

Tabela 8 - Média de pontuação (de um a doze) de personagens de As Crônicas de Gelo e Fogo e Game of Thrones conforme atribuída universo de estudantes participantes

Quando questionados sobre a existência de heróis na obra, houve uma interessante tendência: dos três alunos da escola Irmão Pedro, dois responderam que pensam que não há

nenhum, resposta que só foi dada por três alunos das outras escolas. Oito personagens foram mencionados, conforme a tabela abaixo:

	Nenhum	Jon Snow	Daenerys Targaryen	Brienne Tarth	Eddard Stark	Arya Stark	Tyrion Lannister	Samwe Il Tarly	Robb Stark
Colégio Anchieta	1	10	5	3	2	0	0	2	1
E.T.E. Irmão Pedro	2	0	0	0	0	1	0	0	0
Colégio Japão	2	2	1	2	1	1	1	0	0
Total	5	12	6	5	3	2	1	2	1

Tabela 9 – Personagens identificados como heróis dentro de As Crônicas de Gelo e Fogo e Game of Thrones, conforme assinalado pelo universo de estudantes participantes.

É notável que Jon Snow foi o personagem mais mencionado, garantido especialmente pelas menções no Colégio Anchieta, assim como Daenerys Targaryen, que se destacou na mesma escola. Brienne, uma personagem que, por mais que seja sempre representada como bem intencionada, mas não possui exatamente um enredo próprio, acaba sendo apoio de outros protagonistas, também aparece em posição de destaque.

A respeito da função da guerra na obra, obtivemos a seguinte tabela:

	Conflito para os protagonistas	Crítica à sociedade medieval	Guerras mais justas que as atuais	Maneira de punir decisões erradas	Clímax do enredo	Nenhum
Colégio Anchieta	1	1	0	3	8	1
E.T.E. Irmão Pedro	1	1	0	0	1	0
Colégio Japão	1	0	1	4	1	0
Total	3	2	1	7	10	1

Tabela 10 – Significados da guerra em As Crônicas de Gelo e Fogo e Game of Thrones conforme assinalados pelo universo de alunos participantes.

É bastante perceptível, então, a noção de que, dentro da obra, a guerra representa, essencialmente, recursos narrativos, seja para o andamento da história ou de caráter punitivista individual, o que negligencia as repercussões desta para a população pobre, os soldados de baixo escalão e moradores de cidades saqueadas, por exemplo. Existe aqui, determinada consciência sobre o processo narrativo ligado à série de televisão, a noção de que é necessário algo grande o suficiente para prender a atenção, especialmente ligado ao clímax.

Tendo identificado as tendências gerais do questionário, as questões discursivas, que versam sobre a situação feminina, serão mais bem apresentadas no item 6.2. deste trabalho, quando formos debater especificamente este eixo. Nas sessões seguintes, entraremos nos três eixos delimitados, o heroísmo, a guerra e, então, a situação feminina.

É importante ressaltar que durante o método adotado, uma análise inicial da saga livros e da série de TV, seguida pelos resultados encontrados nos questionários, há ciência de minha parte, enquanto pesquisador, que também faço parte de um público consumidor que possui sua própria recepção, no entanto, as reflexões propostas enquanto análises das fontes estão sendo ancoradas não apenas em minha recepção individual, mas dialogando com diferentes estudiosos do tema, o que pode não validá-las como única interpretação possível, ou automaticamente mais correta que eventuais discordâncias que apareçam nos questionários, mas também as dá alguma consistência como fruto do debate especializado.

A temática do heroísmo

O problema na saga e na série de TV:

As concepções de heroísmo presentes na fantasia clássica são diversas vezes analisadas sob a ótica de Joseph Campbell em seu *The Hero With a Thousand Faces*, um amplo estudo sobre jornadas heroicas que trespasam literatura, religião e outros tipos de narrativa. Exemplo disso são os estudos que fazem esta associação com a saga de literatura juvenil *Harry Potter*²⁶ e com o escrito mais clássico e difundido da fantasia moderna, o *Senhor dos Anéis*²⁷.

Em uma grande síntese da jornada apontada por Campbell, Tutta Kesti explica:

Campbell divide sua teoria em três sessões, ou fases. A primeira fase principal é a partida, na qual o herói começa sua jornada do “mundo cotidiano” para uma região de “maravilhas sobrenaturais” (Campbell 1966: 30). A fase seguinte é a iniciação, na qual o herói deve passar por muitos testes para conquistar o seu objetivo. Essa fase se encerra com o sucesso do herói. A última fase se chama Retorno, e nela, o herói começa sua jornada para casa, levando consigo os benefícios que adquiriu em sua jornada para assegurá-lo aos seus “semelhantes”. (Campbell 1966: 30). (Kesti, 2007).²⁸

Para as Crônicas de Gelo Fogo, este tema torna-se mais complexo, pois George R. R. Martin diversas vezes rompe com a jornada que pode ser identificada comumente quando falamos de histórias ficcionais e muitas vezes presente também até mesmo na historiografia. O primeiro destes casos, como já comentamos, é Eddard Stark.

Eddard, além de ser o personagem com capítulos em *A Guerra dos Tronos*, é também alguém cujos objetivos são a proteção de sua família e de si mesmo, a distância dos jogos de poder e dar ao Norte o que consideraria um bom governo. Eis que, já no início da saga, recebe seu “chamado para a aventura”, o primeiro estágio da fase “partida” que comentamos logo acima, quando seu amigo e rei, Robert, vem a Winterfell para convocá-lo a Porto Real. “Na verdade, ‘recusar o chamado’ é o segundo estágio, que nem todos os heróis cumprem, mas mesmo aqueles que o fazem, acabam atendendo ao chamado no fim.” (Kesti, 2007). Esta definição nos lembra que há um debate entre Eddard e sua esposa, Catelyn, para este ir ou não servir como Mão do Rei, sendo finalmente convencido quando Catelyn recebe uma carta de sua irmã Lysa, acusando os Lannisters do assassinato de Jon Arryn.

²⁶ DERING, Renato de Oliveira. O Ethos de Harry Potter a Partir da Trajetória do Herói. Anu. Lit., Florianópolis, v.17, n. 2, p. 168-180, 2012.

²⁷ KESTI, Tutta. *Heroes of Middle-Earth: J. Campbell's Monomyth in J.R.R. Tolkien's The Lord of the Rings (1954-1955)*, 2007. 95 f. Department of Languages, University of Jyväskylä, Jyväskylä, 2007.

²⁸ Citação original: Campbell divides his theory into three sections or phases. The first major phase is Departure where the hero begins his journey from the “world of common day into a region of supernatural wonder” (Campbell 1966: 30). The following phase is Initiation in which the hero has to go through many trials in order to get what he has come to claim. The phase ends with the hero's success. The last phase is called Return and in this phase, the hero starts his journey home bringing with him whatever boon he has secured on his journey to bestow it “on his fellow man” (Campbell 1966: 30).

O senhor de Winterfell segue uma trajetória esperada de um herói, encontra pessoas que servem como guia (embora de maneira distorcida, pois seus guias são também aqueles em quem não confia e de quem será vítima na sequência, como Petyr Baelish e Varys, dois conselheiros de Robert, cada um com seus próprios interesses e que acabam por trair Eddard), acaba entrando na zona do desconhecido, os segredos de Cersei, e então, no último estágio desta primeira fase, chamada de “Na Barriga da Baleia”, onde o herói não consegue resolver os problemas e fracassa, o preparando para um retorno, uma nova tentativa, é onde Eddard é morto, traído por seus guias, sem qualquer chance de retorno, sem um sacrifício heroico, causando situações de extremo perigo para seus familiares, sem vingar nem seu mentor, nem seu falecido rei, e destruindo a estabilidade do governo nortenho que construiu.

A falha de Eddard costuma ser vista como o primeiro choque na leitura da obra, e não por menos, afinal, o provável herói interrompe o esperado de sua jornada, que ocasiona uma jornada semelhante, a de seu filho Robb, que convoca os vassalos para o resgate de seu pai, recebe a notícia de sua morte, entra em rebelião independentista declarada contra a coroa e também morre fruto de uma traição onde buscava tomar a decisão mais honrada, ou mais heroica. Nem Eddard nem Robb tornam-se inspirações de movimentos bem sucedidos, a casa Stark e suas rebeliões acabam apenas por ocasionar a completa devastação, tanto para os nobres envolvidos como para a população camponesa, retratada especialmente nos capítulos de Brienne, em O Festim dos Corvos. O personagem Septão Meribald evidencia esta crítica de Martin a heróis como Eddard e Robb, que, apesar de bem intencionados, são nobres que botam a vida das pessoas comuns em risco:

Sor Hyle fez uma cara retorcida. “Eu nunca imaginei que ter uma estalagem poderia ser mortalmente perigoso.

“É ter nascimento comum que é perigoso quando os grandes senhores jogam seu jogo dos tronos,” disse Septão Meribald. “Não é, Cão?” Cão latiu em concordância.” (MARTIN, 2011).²⁹³⁰

Outros exemplos podem ser trazidos de jornadas do herói interrompidas ou distorcidas, como o filho bastardo de Eddard, Jon Snow, que incorpora o herói improvável, subestimado por seu baixo nascimento, de quem se espera conquistas grandiosas. A ascensão de Jon na Patrulha da Noite é bastante conectada à jornada de Campbell, este cresce, percebe que não é melhor que seus companheiros, tem como guia Jeor Mormont (então Senhor Comandante da Patrulha da Noite), que o presenteia com uma espada mágica, Garra Longa, defende o principal castelo da Muralha, Castelo Negro, em uma grande batalha contra os selvagens e sucede seu mentor em uma eleição. No entanto, os desvios deste trajeto se apresentam em A Dança dos Dragões, quando Jon, em uma trama muito mais política, precisa conciliar seu novo posto com uma missão pessoal que envolve trazer o povo livre para o seu lado da Muralha, os garantindo proteção, comida e eventualmente contando com a sua ajuda

²⁹ Citação original:

Sor Hyle made a wry face. "I never dreamed that keeping an inn could be so deadly dangerous."

"It is being common-born that is dangerous, when the great lords play their game of thrones," said Septon Meribald. "Isn't that so, Dog?" Dog barked agreement.

³⁰ MARTIN, George R. R. A Feast for Crows. New York: Bantam Books, 2011. Pág. 782.

na proteção do reino contra os Outros. A determinação e os auto sacrifícios de Jon, entretanto, são interrompidos ao final de A Dança dos Dragões, quando o personagem anuncia que irá abandonar seu posto para lutar contra os Bolton em Winterfell, visando proteger sua irmã, Arya. Nesse momento, o personagem é emboscado por seus colegas da Patrulha e esfaqueado diversas vezes.

Daenerys Targaryen é uma das mais fortes candidatas a ser tornar a reencarnação profetizada por uma lenda milenar, a de que o herói Azor Ahai renascerá, e irá tirar Westeros de um período de trevas.³¹ Além de preencher requisitos de ser uma heroína que ascendeu politicamente, Daenerys também possui uma ascendência relevante (é uma Targaryen, família especialmente mitificada dentro da saga), chocou os ovos de dragão e tem as criaturas a acompanhando durante sua jornada, e possui um senso de justiça como algo bastante fundamental à personagem, no entanto, as atitudes de Daenerys são frequentemente questionadas, especialmente no que tange às suas grandes ações libertadoras. Como argumenta Felipe Bini:

Quanto a ser reta e justa, a personagem pessoalmente (e muitos fãs dela) acreditam que sim, mas esse aspecto da personalidade dela é altamente questionável. Daenerys tem “acessos” de fúria e até crueldade em alguns momentos, e frequentemente confunde justiça com vingança. O episódio da crucificação dos 163 Grandes Mestres de Meereen é especialmente emblemático nesse sentido, assim como a autorização de tortura de inocentes para se obter informações em uma investigação. Não convém, tampouco, esquecer que ela vem de um família notoriamente tendente à loucura, tendo um pai e (no mínimo) um irmão acometidos pela insanidade.

Daenerys é, principalmente depois de A Dança dos Dragões, fogo e sangue. Como Adam Feldman apontou em sua série de ensaios *Untangling the Meereenese Knot* (que o próprio George R. R. Martin disse ser acertada), a estadia da personagem em Meereen representa uma busca por paz, pela responsabilidade que ela julga ter com a cidade. Ela vem à custa de suprimir seus impulsos e desejos, ceder a pressões políticas, fazer sacrifícios, para quando finalmente a paz é atingida, ao invés de satisfação, Daenerys sentir frustração. E, em decorrência dessa frustração, a personagem quebra essa tentativa de (em termos rasos) “ser quem não é”, para finalmente abraçar de forma definitiva o lema de sua Casa, passando agora a buscar seus próprios objetivos por seus próprios métodos violentos. O objetivo principal de Daenerys, portanto, não é altruísta ou o bem da humanidade: ela quer tomar o que é seu, doa a quem doer. (FELDMAN, Adam. *Untangling the Meereenese Knot*, Part IV: a Darker Daenerys. 2012.). (BINI, 2017).

Além do lento processo de assumir seu lado truculento e não tão altruísta que acontece em A Dança dos Dragões, neste mesmo livro vemos também as consequências de sua conquista de Astapor, cidade onde liberta os escravos, estabelece um novo conselho de governantes e logo deixa para trás. Quando o personagem Quentyn Martell, que busca encontrar Daenerys durante boa parte deste livro, passa por Astapor, tudo que vê é destruição absoluta, uma cidade absolutamente devastada depois das ações da então rainha de Meereen e, especialmente, do fogo de dragão.

³¹ BINI, Felipe. Por que acredito que Daenerys é Azor Ahai renascido. Disponível em: <<http://www.gameofthronesbr.com/2017/07/por-que-acredito-que-daenerys-e-azor-ahai-renascido.html>> Acesso em: 11 de dezembro de 2017.

Embora tenhamos analisado as construções heroicas em *As Crônicas de Gelo e Fogo*, como podemos identificar este processo em *Game of Thrones*? Em primeiro lugar, é importante lembrarmos daquilo que identifiquei como um ponto de virada na série, da quarta para a quinta temporada, quando o autor George R. R. Martin se afasta da produção e esta toma caminhos cada vez mais desviantes do material original. É a partir deste momento também que identifico a retomada da jornada clássica do herói tomando conta do enredo.

Mesmo após as chocantes e funcionais desconstruções deste tema, reproduzindo fielmente as jornadas de Eddard e Robb Stark, Jon Snow adota definitivamente o papel de um herói clássico nas temporadas posteriores. Além de receber uma batalha contra os Outros que, na obra original não é diretamente vista, mas comandada pelo personagem menor Cotter Pyke, nesta mesma quinta temporada, o dilema de Jon de desertar da Patrulha da Noite e ir salvar sua irmã é excluído, sendo o motivo de sua morte, a incompreensão de seus colegas de patrulha quanto à salvação do povo livre empreendida por Jon, tornando a situação muito mais dicotômica. No início da sexta temporada, Jon ressurge, trazido à vida de volta pela sacerdotisa Melisandre, reencontra sua irmã Sansa (ela havia fugido de Ramsay Bolton em Winterfell) e então, deixa a patrulha, após eliminar os seus opositores, sob o pretexto de que seu juramento valia apenas até sua morte, e embora este argumento seja apresentado de maneira inquestionável, é uma interpretação apenas parcial do texto do juramento.³²

Jon Snow marcha para Winterfell, após a derrota de Stannis Baratheon, como já comentamos, e trava contra Ramsay Bolton – personagem que durante a mesma temporada assassinou seu pai, Roose Bolton, o homem que traiu Robb Stark e agora mantém o controle do Norte, sua madrasta Walda Frey, seu meio irmão recém-nascido, o irmão mais novo de Jon, Rickon, e a personagem querida pela audiência, Osha, que veio cuidando de Rickon por anos – a chamada Batalha dos Bastardos.

Mesmo sem tropas suficientes, caindo em uma emboscada de Ramsay e quase morrendo – aqui novamente a etapa “na barriga da baleia”, Jon Snow é salvo no último momento pelas tropas convocadas por sua irmã, vencendo a batalha e retomando Winterfell para o lado “moralmente certo”, e, ao contrário das leis de sucessão estabelecidas no seriado, é aclamado novo rei do Norte por seus senhores, ao lado de sua irmã legítima e preterida.

Na sétima, e mais recente temporada, Jon Snow conhece Daenerys Targaryen, recém-chegada em Westeros, e lidera uma expedição além da Muralha, para capturar um White Walker³³ e assim convencer a então rainha no Trono de Ferro, Cersei Lannister, a se juntar a eles em sua batalha contra a ameaça sobrenatural. Jon torna-se então, um herói imaculado, alguém que sempre age pelos objetivos que se provam certos, por mais tortuoso que seja seu caminho.

Daenerys passa por processo semelhante, uma vez que consegue com facilidade derrotar os escravagistas que atacam Meereen utilizando seus dragões, o incêndio da cidade

³² “Night gathers, and now my watch begins. It shall not end until my death. I shall take no wife, hold no lands, father no children. I shall wear no crowns and win no glory. I shall live and die at my post. I am the sword in the darkness. I am the watcher on the walls. I am the fire that burns against the cold, the light that brings the dawn, the horn that wakes the sleepers, the shield that guards the realms of men. I pledge my life and honor to the Night's Watch, for this night and all the nights to come.” (MARTIN, George R. R. *A Game of Thrones*. New York: Bantam Books, 2016. Pg. 548.)

³³ Nome dado aos Outros na adaptação.

que defendia não é em momento nenhum problematizado e esta se vê livre para ir para Westeros, onde consegue como aliança todas as facções que foram prejudicadas por Cersei, criando assim, uma grande aliança de personagens “bons”.

Cabe lembrar que, ao relacionar estes personagens heroicos e pensar na historiografia sobre Idade Média, podemos trazer novamente a ideia da história dos grandes homens. A partir da heroicização, seja ela para tramas ficcionais ou reais, também centralizamos determinados processos históricos na figura de um promotor deste processo, e reduzimos um período à existência de determinadas pessoas, normalmente os governantes. É isto que Game of Thrones faz ao abandonar a problematização das guerras de nobres, criando as facções de heróis e vilões: a história de Westeros torna-se a história de Jon Snow e Daenerys Targaryen, não mais a da população lembrada por Meribald, ou a das tragédias causadas pelas guerras dinásticas, assim como muitas vezes a história da Idade Média torna-se a história de grandes senhores.

Como aparece nos questionários?

Durante a elaboração dos questionários, as perguntas que visavam esta análise, especificamente, eram sobre os personagens históricos lembrados da Idade Média e os personagens favoritos os alunos em As Crônicas de Gelo e Fogo e Game of Thrones, além de se existem heróis na obra. Nesta última, dentre os oito personagens que apareceram, destacam-se os primeiros lugares como dois personagens que discutimos como “enquadrados” na jornada heroica em Game of Thrones, em detrimento da escrita de Martin, conforme a tabela 9.

Aparecem também personagens secundários, tanto nos livros como na adaptação, Brienne e Samwell, que se estabelecem como personagens de apoio para vários outros protagonistas, Brienne para Catelyn, Jaime e Sansa e Samwell especialmente para Jon Snow. Ambos costumam ser vistos como pessoas diligentes e bem intencionadas, no entanto, não centralizam em si nenhum núcleo do enredo televisivo. Eddard e Robb Stark, já discutimos como possíveis heróis que foram desconstruídos enquanto tais, sendo ambas as mortes antes do ponto de virada de Game of Thrones, a quinta temporada. Arya Stark, a filha de Eddard que se torna uma competente assassina e vinga sua família em uma cena aclamada pelo público, sem qualquer problematização do assassinato massivo que promoveu, foi mencionada por apenas dois alunos como heroína, assim como Tyrion Lannister, alguém que é retratado como um habilidoso e benevolente jogador político e grande conselheiro de Daenerys.

De todos os alunos que preencheram a terceira parte do questionário na escola Japão, apenas dois citaram personagens históricos da Idade Média (tabela 5), e apareceram aqui: Bilbo Bolseiro (personagem ficcional), Martinho Lutero e Rei Arthur. Na escola Irmão Pedro, foram mencionados pelos três alunos, Carlos Magno, Nostradamus, Martinho Lutero e San Germain. No Colégio Anchieta, apareceram Heitor, Marco Polo, Rei Arthur, Ricardo Coração de Leão, Joana D’arc, Robert I, os reis e Costantino. Quatro alunos desde último não mencionaram nenhum. Cabe lembrar que a maioria destes personagens não são necessariamente monarcas (ficcionais ou reais), mas às vezes clérigos, como Martinho Lutero,

ou líderes de combate, como Joana D'arc, mas a predominância dos governantes aqui é proporcional a dos alunos que não estão familiarizados com Game of Thrones ou As Crônicas de Gelo e Fogo, não há qualquer diferença substancial.

No caso de Joana D'arc, esta foi mencionada apenas uma vez entre os alunos que responderam sobre Game of Thrones, e seis vezes pelo outro grupo de alunos. Rei Arthur foi mencionado três vezes pelos alunos do primeiro grupo, e quatro vezes pelos do segundo. Carlos Magno, duas vezes pelo primeiro grupo e cinco pelo segundo. E quanto àqueles que entenderam como personagens históricos as figuras genéricas, apenas a menção a “reis” apareceu aqui uma vez, enquanto burgueses, camponeses, servos e bárbaros ficaram de fora.

Os personagens favoritos apontados (tabela 8), em média, foram Tyrion Lannister, Arya Stark, Daenerys Targaryen e Jon Snow. Tyrion é um personagem que tem seus atos violentos retirados da adaptação, como a agressão em sua então amante, Shae, depois o assassinato deliberado desta (transformado em legítima defesa na tela) e as declarações pesadas sobre não se importar com a morte da sobrinha e querer matar e estuprar sua irmã, Cersei. O anão foi transformado, se não em um herói, pelo menos em um personagem com muito menos nuances, assim como o processo que já comentamos com Jon e Daenerys. Já Arya é uma personagem que tem toda a reflexão sobre violência que sua história carrega retirada, em prol de cenas de ação.

Nesse sentido, foi possível observar que, além da predominância do reconhecimento de heróis e até mesmo do favoritismo, nas figuras priorizadas por Game of Thrones, e onde de fato o heroísmo é exercido em sua maneira clássica pelos últimos três anos, mas também como não houve percepção diferenciada entre os personagens históricos, que foram igualmente diversos (entre o que chamaríamos de “grandes homens” e desviantes deste padrão) entre aqueles que assistiram à série, leram os livros ou não tiveram contato com nenhum dos dois.

A Temática da Guerra

A problemática na saga e na série de TV:

Embora esteja extremamente conectado com o tema anterior, creio que o tratamento da guerra na obra de Martin mereça uma análise em particular, pois é um dos focos da crítica do autor à maneira como histórias vem sendo contadas. Como já explicitamos, existe uma dura crítica das guerras medievais nas Crônicas de Gelo e Fogo, especialmente da visão destas guerras como apenas uma proposta de entretenimento, sem a reflexão sobre as consequências tanto para a população camponesa como para a nobreza.

O dispositivo de medievalidade de Martin evidencia os traumas que a guerra causou em inúmeros personagens. Um exemplo claro disso é Theon Greyjoy. Theon era um protegido, ou refém, de Eddard Stark, que foi levado para Winterfell após seu pai tentar uma campanha independentista sem sucesso, nos primeiros anos do reinado de Robert. Quando Robb Stark se ergue em rebelião, Theon acompanha seu amigo e eventualmente é enviado para negociar algum apoio com seu pai, que o recebe anunciando que também tentará um novo levante, e espera que o filho participe, saqueando o Norte, ou seja, traíndo sua lealdade a Robb.

Theon dedica sua lealdade ao pai, não apenas saqueia a costa nortenha, como acaba tomando Winterfell (de onde escapam em segredo Bran e Rickon Stark), simula a morte dos dois meninos e governa até ser capturado por Ramsay Snow³⁴, que já estava infiltrado em Winterfell, sob o codinome de Fedor³⁵. Ramsay toma o castelo para sua família, já que seu pai logo irá trair Robb Stark, assassinando o rei no Casamento Vermelho, e mantém Theon como cativo. Um personagem que toma atitudes extremamente egoístas para se provar para seu pai, cometendo barbáries em nome da guerra, torna-se um resto de si mesmo após torturas inimagináveis pelas mãos de Ramsay.

Mike Cole classifica Theon como sofrendo do “estágio negro” do transtorno de estresse pós-traumático³⁶, no qual a vítima deixa de ser funcional após o trauma, e se “afunda na autopiedade, no terror e na paralisia”.³⁷ Theon perde sua identidade, torna-se uma figura submissa aos desejos sádicos de Ramsay, devido aos dilemas que teve que enfrentar durante a guerra. Se Theon não tivesse traído Robb Stark, seu destino seria diferente? É impossível conjecturar, mas há uma personagem trágica, extremamente leal à sua família que pode nos dar indícios sobre isso, Arya Stark.

Arya é identificada por Cole como alguém que carrega o “estágio amarelo” do mesmo transtorno. Diferente do que acontece com Theon, que não encontra reações para os traumas que enfrenta, Arya acaba deixando suas defesas no nível máximo constantemente. Esta personagem comete seu primeiro assassinato aos nove anos de idade, de maneira reativa, e acaba se tornando uma assassina em treinamento com o passar dos livros. A menina perde sua

³⁴ Que depois, legitimado pelo rei Tommen, se tornará Ramsay Bolton.

³⁵ No original, Reek.

³⁶ Segundo sistema de Jeff Cooper, apresentado em sua obra *Principles of Personal Defense* (1989).

³⁷ COLE, Mike. A Arte Imita a Guerra: Transtorno do estresse pós-traumático em *As Crônicas DE Gelo e Fogo*. In: LOWDER, James. (Org.). *Além da Muralha: Explorando o universo de As Crônicas de Gelo e Fogo de George R. R. Martin*. São Paulo: Leya, 2015. p. 89-104.

identidade diversas vezes, assumindo novos nomes, se questionando sobre quem realmente é, passa por situações extremas, presencia massacres, violações, execuções, torturas e torna-se cada vez mais violenta. Embora funcional, Arya continua profundamente traumatizada.

Assim é também com sua irmã, Sansa, que é agredida com frequência quando se torna refém na corte de Joffrey, com seu irmão, Robb, que se vê rei com não mais do que quinze anos de idade, e é morto em função das difíceis escolhas que precisa fazer, com Daenerys Targaryen, que presencia as devastações dos locais que esperava libertar com a guerra, com Davos Seaworth, fiel conselheiro de Stannis Baratheon, que perde quase todos os seus filhos na tentativa de tomar Porto Real, conhecida como a Batalha da Água Negra.

Esta batalha é bastante sintomática também da posição de Martin sobre a guerra. Sabemos já que Cersei é uma personagem que tende a ser classificada como vilã (iremos discutir Cersei melhor ao falar sobre a condição feminina no dispositivo de medievalidade de Martin), assim como seu filho Joffrey, que comanda as agressões a Sansa, ordena a execução de Eddard quando havia prometido poupá-lo, machuca Tommen, seu irmão menor. Ao mesmo tempo que a supremacia de Joffrey é posta em risco quando o controverso Stannis Baratheon ataca a cidade de Porto Real, o leitor também vê Tyrion Lannister, personagem que possui um longo trabalho de humanização, tentando impedir a investida de Stannis. Qual lado a narrativa beneficia, neste momento? O leitor tende a torcer para Stannis, Alester e Davos ou para Tyrion, Cersei e Joffrey? Ou para a população de Porto Real, que teme outro saque como o que enfrentou no final da rebelião de Robert, há pouco mais de uma quinzena?

A população mais pobre é sempre lembrada por Martin, como já mencionamos no trecho de Meribald no item anterior, mas também é perceptível por Jaime Lannister quando este reencontra Pia, uma serva do castelo de Harrenhal que era constantemente violada por homens no local onde vivia desde que a guerra começou. Além dessas ocasiões, foi também agredida por Gregor Clegane, o mais brutal homem de Tywin Lannister durante a guerra, após falar quando este pediu silêncio.

Jon Snow também pode perceber que a guerra pela travessia do povo livre para o lado sul da muralha é extremamente degradante, por muitas vezes o leitor acompanha as mortes e a miséria com a qual esta população tem que conviver. Após a chegada de Stannis Baratheon e a derrota do povo livre na batalha no Castelo Negro, o personagem Tormund, um bruto guerreiro do povo livre, confessa para Jon:

(...) "Eu não sou mais o homem que era em Ruddy Hall. Vi muitas mortes e coisas piores também. Meus filhos..." O luto torceu o rosto de Tormund. "Dormund foi morto na batalha da Muralha, e ele ainda não era nem um rapaz. Algum de seus cavaleiros do rei fez isso, algum bastardo vestido em aço cinza com mariposas no seu escudo³⁸. Eu vi o golpe, mas meu menino estava morto antes de eu chegar a ele. E Torwynd... Foi o frio que o levou. Sempre enfermo, aquele lá. Ele apenas morreu emu ma das noites. O pior disso foi que antes de percebermos que ele morreu, ele se levantou com aqueles olhos azuis pálidos³⁹. Tive que matá-lo eu

³⁸ Isso identifica o personagem Justin Massey, cujo brasão é uma mariposa, que é sempre representado como gentil e obediente a Stannis. Aqui Martin está mostrando que mesmo homens gentis, matam crianças em uma guerra.

³⁹ Identificando que o personagem voltou como um wight, criaturas reacordadas pelos Outros.

mesmo. Isso foi difícil, Jon." Lágrimas brilharam em seus olhos. "Ele não era um grande homem, verdade seja dita, mas ele foi meu menino uma vez, e eu o amava" (MARTIN, George R. R. *A Dance With Dragons*. New York: Bantam Books, 2012. Pg. 769.)⁴⁰

Tormund lutou no lado oposto de Jon Snow, o personagem com ponto de vista daquele núcleo, durante a batalha da Muralha, mas isso não significa que o leitor deva se esquecer das consequências catastróficas da vitória da Patrulha da Noite, pois pessoas morreram, seja na batalha, ou depois dela, de fome, de frio, por ferimentos, incluindo crianças.

Já *Game of Thrones*, embora mantenha alguns destes arcos quando está se propondo a adaptar, tem a tendência a fetichizar a guerra e não debater seus efeitos psicológicos. A já mencionada saída de Daenerys Targaryen de Meereen é um exemplo disso, a cidade passa por uma guerra de cunho altamente político, afinal, cidades escravagistas tentam destruir a campanha libertadora de Daenerys, mas nenhum destes efeitos é discutido para a cidade, que é deixada nas mãos de um mercenário e após uma longa reconstrução, viverá em paz.

Isto também é identificável na Batalha dos Bastardos, onde o crescimento de Sansa se dá após esta dirigir sua vingança a Ramsay Snow, homem que a violentou enquanto estiveram casados. A vitória de Jon Snow e da facção Stark é gloriosa, a parte do povo livre que entrou neste empreendimento não possui qualquer destaque narrativo. Em um diálogo entre Davos e Tormund (ambos do lado de Jon Snow), no nono episódio da sexta temporada, *The Battle of the Bastards*, os personagens afirmam que o problema de terem seguido Stannis Baratheon e Mance Rayder, respectivamente, é que ambos eram homens maus, portanto, não mereciam a liderança, diferente de Jon Snow.

A resolução da traição dos Frey para Robb Stark também evoca uma noção de guerra não problematizada no dispositivo de medievalidade de *Game of Thrones*: Arya Stark, com suas habilidades de assassina, executa todos os participantes da traição, como já comentamos, sem que isto lhe traga qualquer reflexo psicológico. Existem algumas menções ao sofrimento da população pobre em relação à guerra nas temporadas mais recentes, embora, diferente de como faz Martin, que com frequência mostra que não existe lado seguro na guerra, soldados de todos os lados cometem atrocidades, na série televisiva, estas (as que são problematizadas enquanto atrocidades), são cometidas especialmente por bandidos sem lado, como a Irmandade Sem Estandartes no episódio *The Broken Man*, sétimo episódio da sexta temporada, que massacram um pequeno vilarejo devoto nas terras fluviais.

Em suma, podemos identificar aqui que mais uma vez, as críticas tecidas por Martin ao tratamento clássico de determinados temas nos dispositivos de medievalidade da ficção são suprimidas em *Game of Thrones*, especialmente nas temporadas mais recentes.

⁴⁰ Citação original: (...) "I am not the man I was at Ruddy Hall. Seen too much death, and worse things too. My sons ..." Grief twisted Tormund's face. "Dormund was cut down in the battle for the Wall, and him still half a boy. One o' your king's knights did for him, some bastard all in grey steel with moths upon his shield. I saw the cut, but my boy was dead before I reached him. And Torwynd... it was the cold claimed him. Always sickly, that one. He just up and died one night. The worst o' it, before we ever knew he'd died he rose pale with them blue eyes. Had to see to him m'self. That was hard, Jon." Tears shone in his eyes. "He wasn't much of a man, truth be told, but he'd been me little boy once, and I loved him."

Como aparece nos questionários?

Fortemente atrelada à história dos grandes homens, está também a ideia de que as guerras são os grandes feitos destes primeiros. E isto é também ponto comum entre a historiografia e o olhar lançado para a ficção, e como pudemos identificar, é desta maneira que *Game of Thrones* vem trabalhando o ideal da guerra nos últimos anos.

A percepção dos alunos que responderam os questionários sobre as *Crônicas de Gelo e Fogo* está em consonância com esta concepção. Quando perguntados o que a guerra significa dentro da obra, as duas respostas mais populares foram “Causam batalhas, que são o clímax do enredo” e “uma maneira de punir decisões erradas” (tabela 10), diferente das críticas que faz Martin, como vimos nos arcos de Arya Stark e Theon Greyjoy, porém, de acordo com arcos da série de televisão como a Batalha dos Bastardos e a aniquilação da família Frey nas mãos de Arya.

Apenas uma pessoa identificou, nesta mesma pergunta, “guerras mais justas e morais que as atuais”, o que denota que o conjunto evitou a idealização extremada destas guerras, porém, apenas duas pessoas escolheram a opção “algo a ser criticado na sociedade medieval”. A crítica à guerra como uma instância de violência, seja a quem for, não esteve presente nas percepções destes estudantes.

Nos questionários dos alunos, a guerra medieval foi o tema menos respondido. Ao todo, trinta e nove alunos não citaram nenhuma guerra quando questionados, e vinte e três citaram as cruzadas. Nenhuma outra apareceu mais do que duas vezes. As explicações sobre o que os alunos se lembram da guerra que citaram, quase que em sua totalidade, evidenciam que as cruzadas foram uma guerra religiosa.

Talvez seja de se surpreender que a proporção das lembranças também não foi diferente entre os alunos que responderam o questionário sobre as *Crônicas de Gelo e Fogo*. Aproximadamente 50% deste grupo respondeu se recordar de alguma guerra. Destes, apenas três escreveram algo além da identificação da guerra, dois dos quais identificaram as cruzadas apenas como guerras de religião e um mencionando a mesma coisa, porém, acrescentando a conquista de Jerusalém.

Novamente, assim como na situação do heroísmo, não foi possível identificar diferenças substanciais nas respostas de alunos que responderam a terceira parte do questionário para os que não o fizeram, e na parte específica sobre a obra ficcional, predomina a concepção presente nas temporadas mais recentes de *Game of Thrones*.

A Condição Feminina

A problemática na saga e na série de TV:

George R. R. Martin é conhecido, dentre outras coisas, pelo tratamento que dá às personagens femininas. Desde a década de setenta, seus primeiros escritos profissionais já traziam mulheres em posições de protagonismo, muitas vezes de poder, como é o caso de Gwen Delvano em *Dying of the Light*, Melantha Jhirl em *Nightflyers*, Lyanna em *A Song for Lya* e Shawn em *Bitterblooms*.

Como aponta Tegelman⁴¹, a tendência da representação feminina na alta fantasia após a popularização de J. R. R. Tolkien, majoritariamente escrita por homens, era da ausência de personagens mulheres e, quando estas estavam em maior destaque na obra, com frequência eram representadas por meio de estereótipos clássicos, como a figura materna, cuja maior preocupação são seus filhos (mesmo que de maneira simbólica), ou personagens femininas que estão relacionadas ao misticismo e são, via de regra, mulheres misteriosas, sedutoras e mal intencionadas.

No entanto, o tratamento desenvolvido por Martin às personagens femininas é diferente. A autora aponta:

O ponto que minha tese, espero, terá sucesso em demonstrar é a complexidade da representação de mães, não apenas na alta fantasia, mas na ficção como um todo, através dos limites de gênero. A fantasia, como discutido, teoricamente garante meios para subverter as dificuldades tradicionais da vida, como paternidade como um obstáculo para a narrativa. Como o mundo ficcional de Martin visa ser paralelo ao nosso, é compreensível que os personagens sejam similarmente limitados, mas também é inevitável fazer um comentário sobre a realidade; ao invés de representá-las como “placeholders”⁴² estáticas, como as numerosas rainhas da alta fantasia herdeira de Tolkien, ele as deu agência individual. Personagens como Catelyn Stark, Cersei Lannister, Daenerys Targaryen, e até Lysa Arryn desafiam nossa percepção de maternidade e mãe como detentoras de poder institucional, mas ainda assim, sua perspectiva continua um tanto unilateral. (TEGELMAN, Aino. "Forgive me for all I have done and all I must do" – Portrayals of Negative Motherhood in George R.R. Martin's *A Game of Thrones*, *A Clash of Kings* and *A Storm of Swords*. 91 f. School of Language, Translation, and Literary Studies, University of Tampere. Tampere, 2013. Pg. 85.)⁴³

⁴¹ TEGELMAN, Aino. "Forgive me for all I have done and all I must do" – Portrayals of Negative Motherhood in George R.R. Martin's *A Game of Thrones*, *A Clash of Kings* and *A Storm of Swords*. 91 f. School of Language, Translation, and Literary Studies, University of Tampere. Tampere, 2013.

⁴² Neste contexto, personagens sem características ou enredos próprios, mas que servem apenas para preencher um espaço na narrativa.

⁴³ Citação original: The issue my thesis will hopefully have succeeded in pointing out is thus the complexity of portraying mothers in not only high fantasy, but fiction across genre boundaries. Fantasy, as discussed, theoretically provides means to subvert traditional complications of life, such as parenthood as an obstacle for narrative. As Martin's fictional world parallels our own, it is understandable that his characters are similarly limited, but also inevitably make a commentary on reality; instead of disguising his mothers as static placeholders, like the numerous high fantasy queens succeeding Tolkien, he has therefore provided them with individual agency. Characters like Catelyn Stark, Cersei Lannister, Daenerys Targaryen, and even Lysa Arryn do

O trabalho de Tegelman é especificamente sobre a maternidade na saga, limitando-se aos três primeiros livros, mas identifica uma diversidade nestas personagens femininas. Todas elas, além de serem mães, são muitas outras coisas. Cersei é mãe, ama seus filhos, mas é também uma pessoa cruel, pratica assassinatos e torturas por motivos que não suas crianças. Daenerys engravida, mas nunca deixa de lado seus objetivos primordiais: retomar o trono que crê ser seu por direito. Selyse é uma mãe zelosa com Shireen, mas também uma ardorosa religiosa e entusiasta de rituais de sacrifício com fogo.

Daenerys e Cersei são também governantes em momentos da saga. O governo de Cersei, em *O Festim dos Corvos*, explicita como a personagem vê as dificuldades em ser mulher em uma posição de poder, frequentemente sente que não está sendo levada a sério nem por seus conselheiros. Já Daenerys, em *A Dança dos Dragões*, com frequência também expressa dificuldades para governar a cidade, mas obtém relativo sucesso, como aponta Adam Feldman⁴⁴, pois consegue conter os atentados de seu grupo de opositores e fazer alianças com suficientes que garanta a permanência da abolição da escravidão, não fosse o ataque de seu dragão, Drogon, na cerimônia na Arena de Daznak.

As irmãs Stark, Sansa e Arya, operam como opostos desde seus primeiros momentos em *A Guerra dos Tronos*. Sansa é o esperado de uma filha de um grande senhor, sonha em casar com um príncipe, Arya convive com os servos, quer aprender a lutar. Ambas as meninas, como já discutimos amplamente, sofrem as consequências da morte de seu pai, da guerra que se segue, de maneiras muito distintas. Sansa é também uma personagem que possui grande rejeição por parte do público, que a culpa por ter entregado os planos de seu pai à Rainha Cersei, quando tinha onze anos, e também por ser uma personagem que apresenta pouco enfrentamento direto às pessoas que a fazem refém.

No entanto, Sansa é um clássico estereótipo retorcido. A menina sonhadora que se encanta por um príncipe e acredita nas histórias lendárias de cavalaria logo escuta de Petyr Baelish: "A vida não é uma canção, querida. Você vai aprender isso um dia para sua infelicidade"⁴⁵. Este aviso de Petyr precede todas as tragédias de sua vida e os quase dois anos em que seria refém em Porto Real. Enquanto se esperaria da menina que entregou os planos do pai, que esta fosse vingativa, artilosa, má intencionada, Sansa é apenas uma criança e a principal vítima das situações que se seguem, estando prometida ainda para o Rei Joffrey, durante *A Fúria dos Reis*, e depois, sendo forçada a casar com Tyrion Lannister, em *A Tormenta de Espadas*. Mesmo passando por todos estes traumas, Sansa tem demonstrado, enquanto disfarçada como filha bastarda de Petyr, sob o nome de Alayne Stone, que aos poucos começa a compreender como ditar as regras no mundo da corte.

Já Arya, também se mostra uma transgressão de seu estereótipo. Uma mulher que possui características consideradas masculinas no mundo onde vive e uma personagem de

challenge our perception of motherhood and mothers as wielders of institutional power, yet this perception ultimately remains more or less one-sided.

⁴⁴ FELDMAN, Adam. *Untangling the Meereenese Knot, Part II: The Peace Was Real*. Disponível em: <<https://meereeneseblot.wordpress.com/2013/09/29/untangling-the-meereenese-knot-part-ii-the-peace-was-real/>> Acesso em: 16 de dezembro de 2017.

⁴⁵ MARTIN, George R. R. *A Game of Thrones*. New York: Bantam Books, 2016. Pg. 498. Citação no original: is not a song, sweetling. You may learn that one day to your sorrow.

rápida identificação com o leitor, pois é construída em oposição à sua irmã “traidora”, Arya também começa a demonstrar suas habilidades marciais quando treina com Syrio Forel e consegue escapar da Fortaleza Vermelha e de Porto Real, no advento da queda de seu pai. No entanto, como já discutimos, e não há necessidade de fazê-lo de novo, Arya é uma personagem trágica, que embora consiga demonstrar sua força e viva situações inesperadas para uma mulher em Westeros, esta vida itinerante e violenta que leva, não é um modelo.

A princesa de Dorne⁴⁶, Arianne Martell, também possui características notáveis. Arianne, que possui ponto de vista em O Festim dos Corvos e já dois capítulos seus liberados para o sexto volume da saga, brinca com um clichê apresentado por Tegelman, o de mulher sedutora e ambiciosa. Arianne é a filha mais velha do príncipe Doran Martell, herdeira de Dorne, o único dos territórios de Westeros onde homens e mulheres possuem o mesmo direito à sucessão, porém, quando era mais nova, viu uma carta de seu pai para seu irmão mais novo, Quentyn, que o considerava seu herdeiro. Quando a princesa Myrcella vem prometida em casamento ao filho caçula de Doran, Trystane, Arianne elabora um plano, não apenas para garantir sua herança a Dorne, mas também para coroar a menina no lugar de seu irmão, Tommen.

Dorne também é marcado pela maior liberdade sexual, e Arianne é um exemplo disso. A personagem frequentemente demonstra ter tido relações com outros personagens (nós a vimos com o Guarda Real e protetor de Myrcella, Arys Oakheart), e ela trata sobre o tema sem constrangimentos, inclusive na frente do pai. Até aqui, Arianne poderia ser apenas o clichê de personagem feminina já mencionado, porém, ela também se mostra uma personagem sensível, que se importa com o pai, os amigos, as primas e o tio. Suas maquinações não são infalíveis e levam à morte de seu amante e a graves ferimentos em Myrcella. Aprende com seus erros e atitudes impulsivas e passa a fazer parte dos planos mais secretos de Doran, até ser escolhida como enviada do pai para negociar com um novo reivindicante do trono, um menino que afirma ser Aegon Targaryen, filho de Rhaegar que supostamente sobreviveu à destruição da dinastia de seu avô.

No sentido oposto de Arianne, Asha Greyjoy também possui algumas quebras com o paradigma apontado por Tegelman. Após seus irmãos mais velhos, Rodrik e Maron, serem mortos e seu irmão, Theon, se tornar refém dos Stark quando seu pai, Balon, fracassou em sua primeira rebelião, Asha assumiu o lugar de herdeira das Ilhas de Ferro. Ela se tornou capitã de seu próprio navio, aprendeu a lutar, saquear e navegar, possuía autoridade sobre muitos homens, também demonstrava maior liberdade sexual, se relacionando por anos com um dos membros de sua tripulação, alçando uma posição incomum para mulheres naquele contexto. Mesmo assim, as dificuldades impostas pela sua condição de mulher não tardaram a aparecer, quando da morte de seu pai, a herança lhe foi recusada. Todos os seus tios paternos se opuseram à sua ascensão como rainha, e a situação foi levada a uma Assembleia dos Homens Livres, onde todo capitão de navio das ilhas tem direito a voto, e seu tio mais velho, Euron saiu vitorioso.

Em Game of Thrones, boa parte destas personagens possuem tratamentos diferentes. Cersei assume de fato o estereótipo de “rainha má”, quando toda humanidade em relação à

⁴⁶ Dorne faz parte dos Sete Reinos, mas mantém os títulos de “príncipe” ou “princesa” para seus governantes e respectivos herdeiros.

personagem é posta de lado e esta explode todos os seus opositores, tortura uma sacerdotisa e toma o trono para si. Sua relação com os filhos (todos mortos, nesta altura) torna-se meramente vingativa.

Asha Greyjoy⁴⁷, que, como vimos, possuía várias liberdades concedidas apenas para homens, é revelada como uma personagem lésbica, assim como Ellaria Sand, amante do falecido Oberyn Martell, tio de Arianne⁴⁸, que é bissexual. É notável que as únicas personagens não heterossexuais femininas da série, são aquelas que possuem maior liberdade sexual, e, especialmente no caso de Asha, está relacionada à masculinização da personagem. Diferente das personagens de Martin, como Taena Merryweather, que se apaixona por Cersei, em *Game of Thrones*, relações entre duas mulheres são apenas apresentadas como promiscuidade.

Arya e Brienne são as personagens masculinizadas a quem estas habilidades tornam duras, insensíveis e bem sucedidas. Ambas demonstram poucas nuances, diferente da Brienne de Martin, que se sente muito mal por ter que matar pessoas, e são apenas grandes guerreiras ou assassinas que podem cumprir suas vinganças sem que isso as abale de qualquer maneira.⁴⁹

As representações de estupro nos dois casos também são muito diferentes. Enquanto Cersei Lannister, por anos, foi vítima do marido, Rei Robert, tanto na versão original como na adaptação, nesta segunda, a rainha é também violentada por seu irmão, Jaime, em um acontecimento que não é mais mencionado em nenhuma ocasião, apenas sugere que Jaime estava acumulando paixão por muito tempo. A personagem Jeyne Poole, se passando por Arya Stark, que é enviada para casar com Ramsay Bolton, solidificando o domínio Bolton no Norte, sofre nas mãos de Ramsay torturas inimagináveis, incluindo constante abuso sexual, e na sequência, torna-se uma personagem destruída pela violência. Na adaptação, seu lugar é assumido por Sansa Stark, que também é violentada por Ramsay, porém, este recurso é usado apenas como motivos para o empoderamento de Sansa, que termina a sexta temporada assassinando Ramsay e então, definitivamente superando o ocorrido⁵⁰.

Em suma, podemos identificar que George R. R. Martin consegue romper com uma série de estereótipo femininos consolidados na fantasia pós Tolkien, muitas vezes de maneira sensível, porém, parte destes ganhos, são deixados de lado em *Game of Thrones*, que mantém a noção de personagens femininas fortes e em posições de poder, mas retira muitas das nuances destas personagens e utiliza a violência sexual não como situações de violência extrema, mas também como momentos de choque avulsos, ou os torna motivadores para vinganças.

⁴⁷ Cujá versão adaptada se chama Yara.

⁴⁸ Arianne foi excluída da adaptação, dando lugar apenas às suas primas, filhas bastardas de Oberyn e Ellaria, seu pai, Doran, e seu irmão caçula, Trystane. Quentyn Martell e Arys Oakheart, personagens importantes deste núcleo, também foram desconsiderados.

⁴⁹ Na versão televisiva, Brienne escolhe assassinar Stannis Baratheon como vingança por seu antigo rei, Renly, ao invés de cumprir a promessa que fez a Catelyn e ir em busca de Sansa Stark, mas isto não é problematizado, uma vez que logo após a morte do rei, Brienne encontra e resgata Sansa.

⁵⁰ themurphysue. (Spoilers Extended) Sansa's Bolton plotline, two years later: what did it bring and what did it rob us of? Disponível em:

<https://www.reddit.com/r/asoiaf/comments/6wrad3/spoilers_extended_sansas_bolton_plotline_two/>

Acesso em: 18 de dezembro de 2017.

Como aparece nos questionários?

A situação feminina foi pensada nos questionários em duas questões na parte sobre Idade Média e uma na parte sobre As Crônicas de Gelo e Fogo, sendo duas destas a única parte discursiva destes. A primeira questão consistia em assinalar palavras que remetessem à condição feminina na idade média, a segunda, um pequeno texto sobre as diferenças desta condição para os dias de hoje, e a terceira, sobre a condição feminina em Westeros e quais impressões a violência sexual presente na saga ou na série de TV causa.

A primeira questão, como vimos, privilegiou amplamente os termos que denotavam falta de liberdade ou espaço de atuação (tabela 6). Neste sentido, não houve tendência especial nos alunos que responderam os questionários sobre As Crônicas de Gelo e Fogo, afinal, destes, apenas três não assinalaram a opção “violência sexual”, cinco não assinalaram “tarefas domésticas” e quatro não assinalaram “opressão”, as três opções mais assinaladas no geral. Quanto às menos, das cinco marcações em “arte”, duas são desta parte dos alunos e a única menção a “liberdade” não está neste grupo.

Quanto à segunda questão, o predomínio dos alunos que responderam a questão sobre as Crônicas de Gelo e Fogo é a ênfase nos avanços e conquistas de direitos que existem nos dias atuais⁵¹, embora onze alunos também tenham acentuado as permanências do machismo desde os tempos medievais até os dias de hoje, em oposição a oito que não o fizeram (sendo apenas três destes oito, do Colégio Anchieta, representando a menor proporção). Apenas uma aluna deste grupo não respondeu esta questão. Transcrevo a seguir a resposta de uma aluna que possui praticamente todos os elementos comuns que apareceram entre este grupo:

Hoje em dia, a situação das mulheres já é complicada, mas acredito que já tenha sido muito pior, podemos estudar, trabalhar, nos divorciarmos e não depender de homens. A questão é que muitas mulheres ainda não tem escolha ou acesso a essas “liberdades”. Na idade média, não era nem cogitável que elas realizassem essas atividades ou tivessem direitos semelhantes aos dos homens.

A única menção aos casos de resistência aparece na seguinte resposta de um aluno:

Nesta época, as mulheres eram pré-determinadas antes de seus nascimentos, o objetivo de vida delas seria casar com um Lord ou Rei e assim servirem os seus maridos para atividades sexuais e domésticas, como cuidas dos filhos. Eram muito raras as ocasiões que as mulheres se destacavam em reinados, ou como guerreiras, como Joana D’arc e as Irmãs Jung⁵².

Existe aqui, portanto, pouca menção à atuação feminina, ou às resistências femininas durante a Idade Média, mas esta percepção não é privilégio deste grupo. No amplo grupo que

⁵¹ É possível refletir em que medida o ensino de história tem sido responsável por isso, ou, em outra instância, o quanto isto advém os debates, cada vez mais públicos, sobre o movimento feminista.

⁵² Este foi um dos poucos casos de alunos identificados com o sexo masculino que elaborou uma resposta mais extensa. A maioria, não passou de duas linhas, enquanto as respostas de alunas mulheres foram notavelmente maiores, muitas tendo entre seis e sete linhas, o que corrobora com a percepção de que os debates sobre o movimento feminista podem ter tido papel essencial nas formulações estabelecidas neste eixo.

não respondeu às questões sobre as obras ficcionais, a tendência se mantém, privilegiando as rupturas em relação à Idade Média, os direitos conquistados, e, por vezes, esta dificuldade de acesso às conquistas que perduram ainda hoje, mas nunca as possibilidades da vida de uma mulher medieval, como no exemplo a baixo:

Na idade média, as mulheres sofriam uma forte opressão, aconteciam muitas coisas ruins. Hoje em dia, algumas coisas mudaram, mas algumas coisas continuam iguais, como a conservação do patriarcado.

Dentre o grupo de alunos que respondeu a terceira parte do questionário, a resposta sobre a situação feminina e violência sexual em Westeros, as respostas foram mais variadas, especialmente entre a ênfase na violência do contexto, alguns se sentindo incomodados, outros reconhecendo que deveria ser mostrado enquanto denúncia ou ambientação da “época”. Há também respostas que enfatizam o protagonismo das personagens femininas e sua representação enquanto “mulheres fortes”, assim como a diversidade de situações as resistências por estas protagonizadas. Para melhor exemplificar, reproduzo cinco respostas que reúnem todos os elementos mais presentes:

A situação das mulheres de Westeros é bastante variada, existem mulheres de todas as hierarquias e situações, e com o tempo a série apresenta menos violência sexual.

Dorne é super livre e compreensivo, mas na capital é super regrado e sem cuidados públicos. Então, acho que depende.

As mulheres de Westeros, diferente da Idade Média, tem papel muito importante e são muito poderosas (Daenerys). A violência sexual, creio eu, que incomoda a maioria, porém era algo muito presente na época, sim, ela me incomoda em alguns casos.

As mulheres são extremamente objetificadas como entretenimento aos homens. São vendidas, alugadas, mortas como se não tivessem valor. Por incrível que pareça, não me incomoda muito porque a antiguidade era assim e porque é uma série fictícia, não um documentário atual. Me deixa indignada que as coisas fossem assim, mas não que a série tenha mostrado isso.

A maioria das mulheres são tratadas com desrespeito, exceto as “principais”. A violência não me incomoda pois mostra a realidade da época;

Esta última citação, singularmente, evidencia uma disparidade narrativa, ou seja, que o protagonismo protege parte das personagens femininas. De maneira geral, como havíamos comentado, se mostram bastante diversas as concepções dentro desta questão, mas nenhuma das reflexões sobre a obra de ficção é identificada como algo que pode ser pensado sobre a idade média, para além da violência. É inclusive, apontado por um dos alunos que o papel das mulheres em Westeros é diferente da idade média real, pois estas têm protagonismo e poder.

Chamo atenção especial também para a última citação, onde uma aluna mulher diz não estar incomodada com a violência sexual, também afastando a alteridade proporcionada pela ficção medieval e enquadrando-a apenas como entretenimento e fidelidade à representação

proposta. O mesmo pensamento se reflete na citação anterior, onde a aluna (também mulher) reconhece como mais significativa a necessidade de representar “a época”.

Em suma, podemos identificar neste item, que existe um movimento contrário do que tentei identificar: ao invés das obras ficcionais proporcionarem reflexões sobre a realidade, chegando até as concepções de idade média, ao que parece, a emergência dos debates públicos sobre gênero e feminismo, condicionou a análise a respeito das obras de ficção, encontrando uma barreira para a análise sobre a Idade Média, onde as possibilidades de resistência e a ideia de “mulheres fortes” não aparecem, em detrimento das inúmeras violências sofridas por este grupo.

Conclusão

A escrita deste trabalho, como já havia explicado, foi uma escolha que visava entender possíveis relações entre literatura e história no âmbito do aprendizado, especialmente conceitual, e, a partir desse entendimento, seguir pensando sobre possibilidades que aproximem a escola e o debate literário.

No entanto, o que verifiquei em todos os casos estudados, é que esta distância não poderia ser maior. É claro que a alta fantasia, ao criar um universo inteiramente ficcional, propicia este distanciamento, promove a concepção de que é “apenas entretenimento”. O que foi possível observar dentro de dois dos temas é que não há praticamente nenhuma apropriação, nem da série de livros, nem da série de televisão, como algo que proporcione reflexões para além da diversão. O tema desviante é a questão da mulher, onde, em geral, identificou-se uma ascensão das personagens femininas dentro do universo ficcional, porém, esta parece ser advinda de um debate mais amplo dentro de todo o universo de pesquisados sobre a situação feminina, uma vez que a discussão sobre história da idade média e a comparação com a atualidade, também foi praticamente idêntica entre o grupo que teve contato com as obras e os que não.

Certamente existem limites para a amplitude deste trabalho, que não visa identificar tendências absolutas sobre esta conexão entre ficção e o público escolar, pois é provável que, se o objeto fosse seriados baseados em fatos reais, houvesse maior diálogo, e também é possível que em outras realidades escolares, este resultado se mostre diferente. Nem mesmo dentro do objeto escolhido há qualquer pretensão de resolver o dilema, uma vez que foram escolhidos três eixos temáticos que me pareceram ser os mais centrais e diferenciais dentro da obra de Martin, mas outras escolhas poderiam ter sido feitas.

Há também o limite dos questionários. Gostaria de ter incluído ao menos mais um momento discursivo para os eixos sobre heroísmo e guerras na Idade Média, mas o tempo disponível para aplicação destes tornaria inviável esta expansão, pelo menos neste momento, mas esta é uma possibilidade de continuidade do trabalho. Seria um segundo passo também, nestas mesmas escolas, identificar como a Idade Média foi trabalhada pelos professores, como foram as avaliações aplicadas e como este conteúdo aparece no livro ou material didático para então poder medir melhor como se configura o dispositivo de medievalidade escolar para estes casos, e como este entra em choque com os dispositivos diferentes de “As Crônicas de Gelo e Fogo” e “Game of Thrones”. Uma última possibilidade, também é buscar diretamente alunos leitores de As Crônicas de Gelo e Fogo, visando um público mais familiarizado com a saga literária.

Mesmo com os limites aqui expostos, acredito que o trabalho pôde evidenciar algumas possibilidades pouco exploradas no ensino, afinal, uma grande parte dos estudantes demonstraram serem consumidores de produtos ficcionais relacionados à idade média, o que proporcionaria possíveis trabalhos didáticos com potencial de reflexão e de autoria interpretativa por parte dos alunos, aproximando os dois âmbitos que este trabalho visava analisar.

Referências Bibliográficas:

Bibliografia:

- ANHORN, Carmem T. Gabriel. Teoria da história, didática da história e narrativa: diálogos com Paul Ricoeur. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 64, 2012, pp. 187-210.
- BINI, Felipe. Por que acredito que Daenerys é Azor Ahai renascido. Disponível em: <<http://www.gameofthronesbr.com/2017/07/por-que-acredito-que-daenerys-e-azor-ahai-renascido.html>> Acesso em: 11 de dezembro de 2017.
- COLE, Mike. A Arte Imita a Guerra: Transtorno do estresse pós-traumático em As Crônicas De Gelo e Fogo. In: LOWDER, James. (Org.). *Além da Muralha: Explorando o universo de As Crônicas de Gelo e Fogo* de George R. R. Martin. São Paulo: Leya, 2015. p. 89-104.
- GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet. *Possíveis Passados: Representações da Idade Média no ensino de história*. Porto Alegre: Zouk, 2008. 120 p.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Puc-Rio, 2006.
- FREIRE; HADDAD; SANTOS. Construindo uma Política de Educação em Gênero e Diversidade. In: *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009. Pág. 9. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>
- GUERREAU, A. Feudalismo: um horizonte teórico. Lisboa: Edições 70, 1982. págs. 213-257.
- KESTI, Tutta. Heroes of Middle-Earth: J. Campbell's Monomyth in J.R.R. Tolkien's The Lord of the Rings (1954-1955), 2007. 95 f. Department of Languages, University of Jyväskylä, Jyväskylä, 2007.
- MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, L. (Org.). *História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 109-125.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. *Escrever Vidas, Narrar a História*. 2009. 221 págs. Tese (doutorado em História Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2009
- PEREIRA, Nilton Mullet. Ensino de História, medievalismo e etnocentrismo. *Historiæ*, Rio Grande, 3 (3): 223-238, 2012.
- PEREIRA, Nilton Mullet; TEIXEIRA, Igor Salomão. A Idade Média nos currículos escolares: as controvérsias nos debates sobre a BNCC. *Diálogos* v. 20 n. 3 (2016), 16-29.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa – Tomo 1*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- ROSENBERG, Alyssa. Homens e Monstros: Estupro, mitificação, ascensão e queda das nações em As Crônicas de Gelo e Fogo. In: LOWDER, James. (Org.). *Além da Muralha: Explorando o universo de As Crônicas de Gelo e Fogo* de George R. R. Martin. São Paulo: Leya, 2015. p. 33-45.
- SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SLADIKOVÁ, Lucia. Reality in George R. R. Martin's A Song of Ice and Fire. 2015. 59 f. Faculty of Education – Department of English Language and Literature, Masaryk University. Brno, 2015.
- SPECTOR, Caroline. Poder e Feminismo em Westeros. In: LOWDER, James. (Org.). *Além da Muralha: Explorando o universo de As Crônicas de Gelo e Fogo* de George R. R. Martin. São Paulo: Leya, 2015. P. 183-201.

TEGELMAN, Aino. "Forgive me for all I have done and all I must do" – Portrayals of Negative Motherhood in George R.R. Martin's A Game of Thrones, A Clash of Kings and A Storm of Swords. 91 f. School of Language, Translation, and Literary Studies, University of Tampere. Tampere, 2013.

WHITEHEAD, Adam. Um Mundo Incerto: História e Passagem do Tempo em Westeros. In: LOWDER, James. (Org.). *Além da Muralha: Explorando o universo de As Crônicas de Gelo e Fogo de George R. R. Martin*. São Paulo: Leya, 2015. p. 61-70.

Fontes:

MARTIN, George R. R. A Game of Thrones. New York: Bantam Books, 2012.

MARTIN, George R. R. A Clash of Kings. New York: Bantam Books, 2012.

MARTIN, George R. R. A Storm of Swords. New York: Bantam Books, 2012.

MARTIN, George R. R. A Feast for Crows. New York: Bantam Books, 2012.

MARTIN, George R. R. A Dance With Dragons. New York: Bantam Books, 2012.

Game of Thrones. HBO, 2011 - 2017. Série televisiva de ficção.

Anexo 1 – Questionários aplicados:

Questionário geral	
Nome completo:	
Idade:	Gênero: () Masculino () Feminino () Outro. Qual?
Raça: () Branco () Preto () Pardo () Amarelo () Indígena	
Nome da escola atual:	
Nome da(s) escola(s) anterior(es):	
Quantos livros completos você leu desde o início de 2017? () Nenhum () De um a cinco () De seis a dez () De onze a vinte () Mais de vinte	
Quantas horas semanais você passa assistindo programas televisivos? () Nenhuma () De uma a cinco horas () De seis a dez horas () Mais de dez horas	

Questionário sobre a Idade Média
Você estudou o conteúdo de Idade Média na escola? () Sim () Não Em qual série isso aconteceu?
Como você classificaria seu aprendizado escolar sobre esse conteúdo? () Excelente () Bom () Mediano () Ruim () Péssimo
De que outras maneiras a Idade Média se faz presente no seu cotidiano? () Livros de ficção () Jogos digitais () Séries de TV e filmes () Estudos particulares () Outros. Em caso de outros, quais?
Cite alguns exemplos (quais jogos/filmes/séries/livros?) das alternativas assinaladas na questão anterior:
Quem são os personagens históricos que vem à sua mente quando falamos em idade média?
Você se lembra de alguma guerra medieval sem precisar consultar nenhum material? O que lembra sobre ela?
Quais palavras você considera que representem a situação das mulheres na Idade Média? () Opressão () Poder () Religião () Violência sexual () Liberdade () Atividades domésticas () Trabalho rural () Arte () Reclusão
O que você diria que é diferente nos dias atuais e na Idade Média sobre a condição das mulheres?

Questionário sobre As Crônicas de Gelo e Fogo

O quanto você conhece As Crônicas de Gelo e Fogo?

- () Nunca ouvi falar
- () Já ouvi falar, mas nunca li
- () Iniciei a leitura, mas não concluí o primeiro livro
- () Iniciei a leitura, mas não concluí os cinco livros
- () Li todos os livros uma vez
- () Li a saga mais de uma vez

O quanto você conhece a série televisiva Game of Thrones?

- () Nunca ouvi falar
- () Já ouvi falar, mas nunca assisti
- () Já assisti alguns episódios avulsos
- () Assisti sequencialmente, mas não concluí
- () Assisti sequencialmente e concluí
- () Assisti mais de uma vez

Qual seu personagem favorito? Por quê?

Elenque os seguintes personagens em sua ordem de preferência (1 para o que menos gosta e 12 para o que mais gosta):

() Arya Stark	() Stannis Baratheon	() Daenerys Targaryen	() Cersei Lannister
() Tyrion Lannister	() Brienne Tarth	() Davos Seaworth	() Catelyn Tully
() Sansa Stark	() Theon Greyjoy	() Jon Snow	() Tommen Baratheon

Você consideraria que existem heróis na obra? () Sim () Não

Se sim, qual ou quais? _____

O que a ideia de guerra significa para você dentro da obra?

- () Apenas conflitos para os protagonistas () Algo a ser criticado na sociedade medieval
- () Guerras mais justas e morais do que as atuais () Causam batalhas, que são o clímax do enredo () Uma maneira de punir decisões erradas

Como você descreveria a situação das mulheres em Westeros? O que você tem a dizer sobre a violência sexual presente na obra? Ela lhe incomoda?
